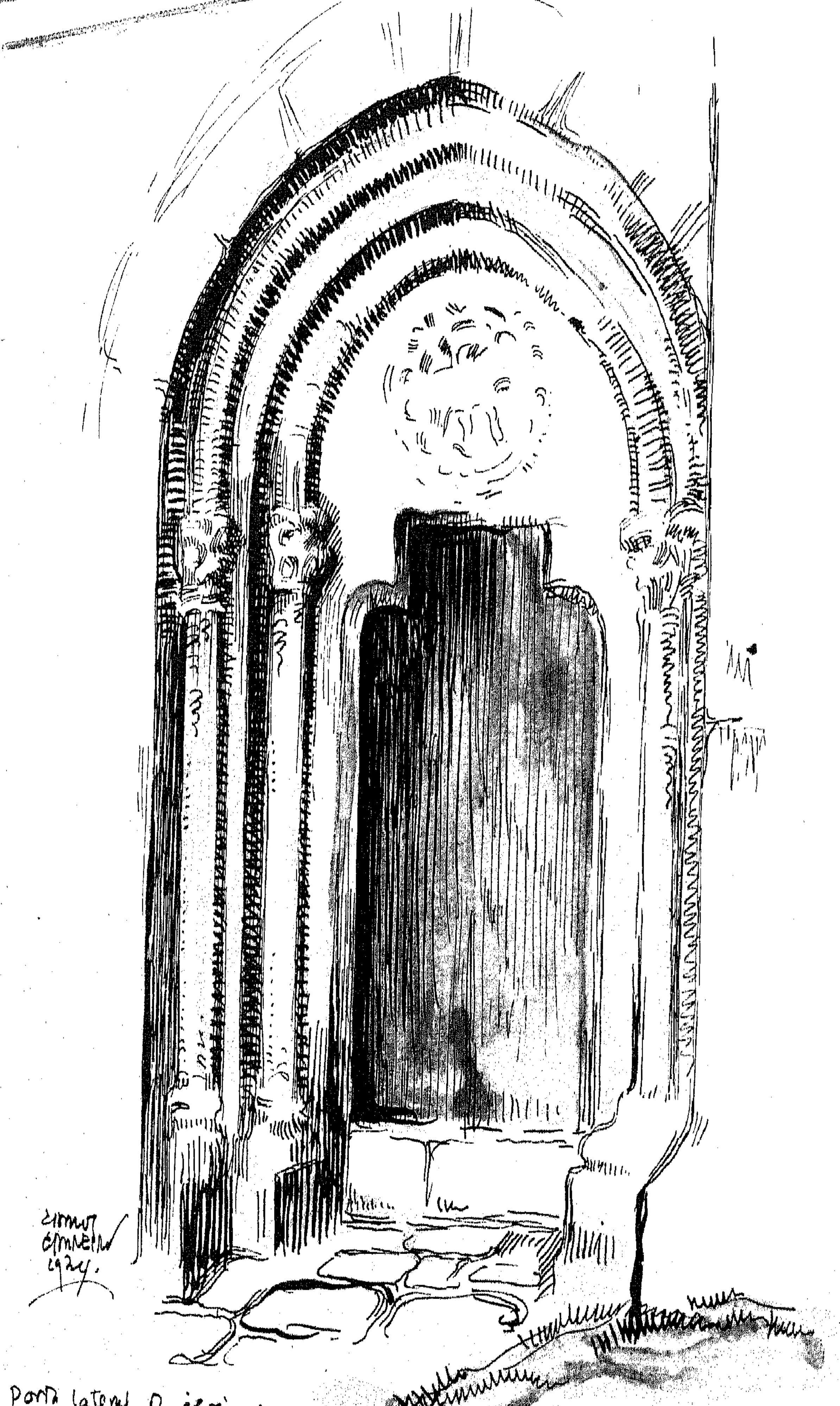
GOA UNIVERSITY LIBRARY
This book is donated by ... NG

403



Porta lateral da igreja de Cedofeita . Porto.

REPRODUÇÃO E IMPRESSÃO "OFFSET" DA LITOGRAFIA NACIONAL—PORTO

A FOTOLITOGRAFIA DO VERSO REPRODUZ O

PORTAL LATERAL DA EGREJA DE CEDOFEITA — PORTO

(OBRA ROMÁNICA DO I.º QUARTEL DO SEC. XII)

COMPOSTO por um arco ogivado, de duas arquivoltas, com tóros nos ângulos diedros, e por quatro colunas, de capiteis (sem ábacos) lavrados com motivos animais e de bases providas de garras. No timpano, assente em misulas, ostenta-se o "Agnus Dei" ou Cordeiro Pascal, encimado pela cruz abacial e circunscrito por uma rosa (composta de círculos, lobulado o exterior), que fórma a sua auréola ou glória.

A LITOGRAFIA NACIONAL - PORT(

IMPRIME PARA O GOVÊRNO PORTUGUÊS E PAI
AS MAIORES ORGANIZAÇÕES PORTUGUESAS
ESTRANGEIRAS ESTABELECIDAS EM PORTUG/

COURAÇA apresenta

A SUA SERIE DE PERFUMARIA FINA

B E L K I S S

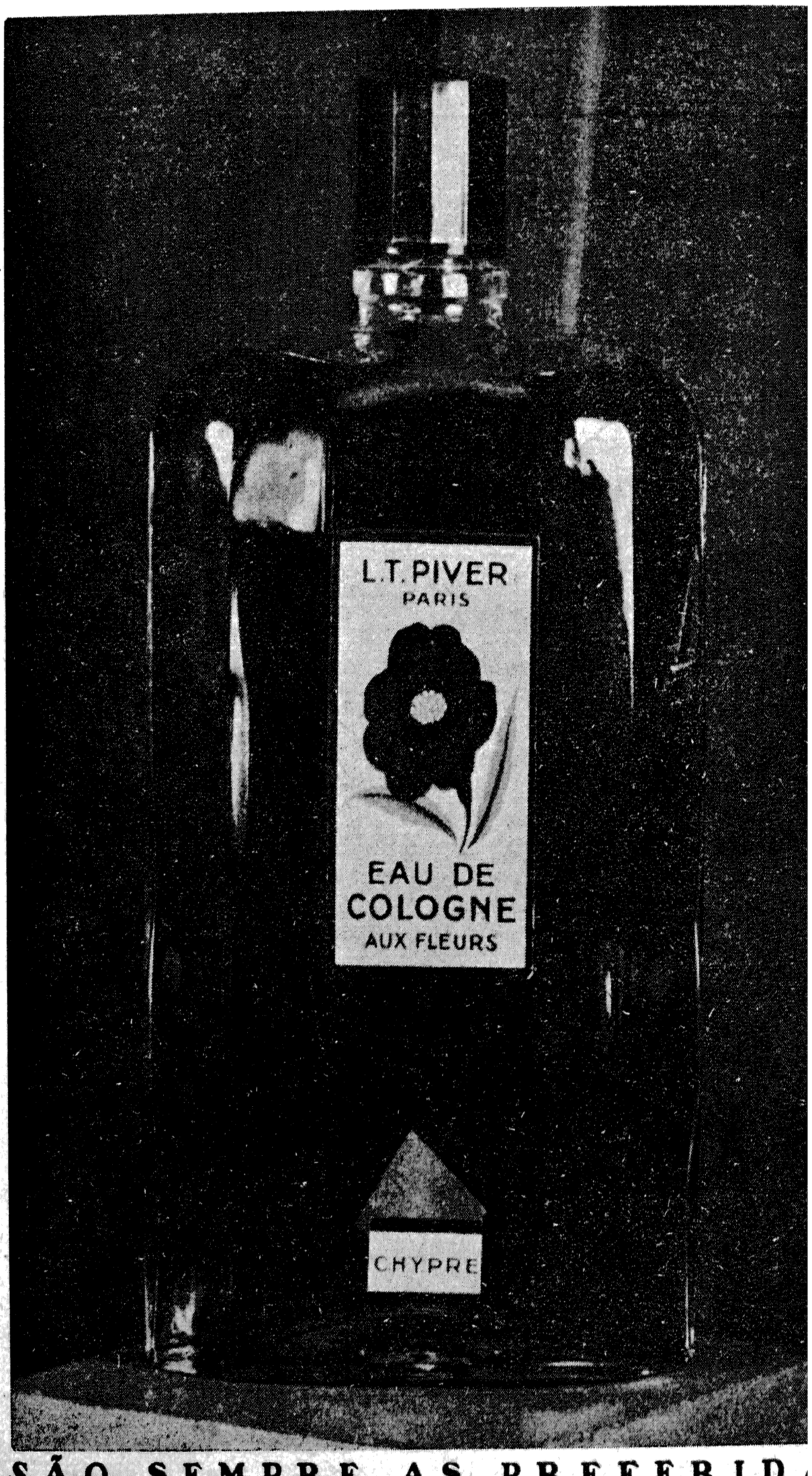
PERFUME / LOÇÃO / SABONETE / PÓ D'ARROZ / ROUGE

M. B. B. TEIXEIRA, LDA.

RUA DE SANT'ANA À LAPA, 44 -:- LISBOA

AS MARCAS DE

L. T. PIVER

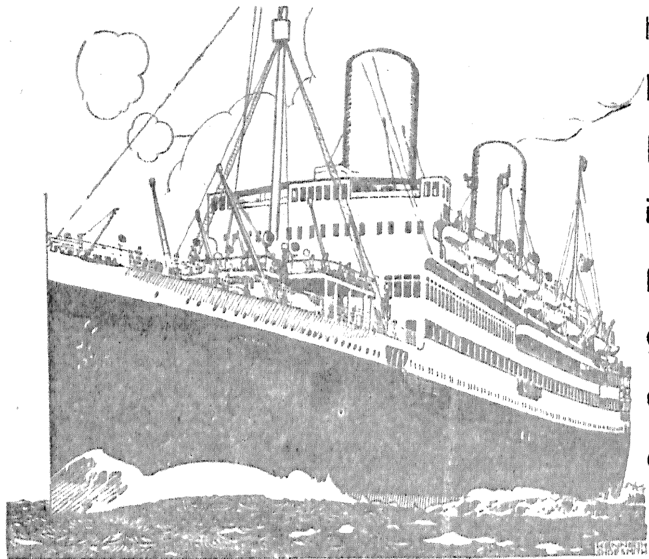


SÃO SEMPRE AS PREFERID

MALA REAL INGLESA

(ROYAL MAIL LINES, LIMITED.)

Carreiras regulares de Lisboa e Leixões para os portos da América do Sul, em magníficos paquetes dotados das mais modernas condições de confôrto e segurança.



No regresso da América do Sul recebem passageiros em Lisboa para os portos de Vigo, Cherbourg, Boulogne, Southampton e Londres. Dão todos os informes sôbre preços de passagens e fretes de carga os agentes em Lisboa:

Para os paquetes da classe «A»	Para os paquetes da classe «Highland»
James Rawes & C.º	**E. Pinto Basto & C.ª Lda.**
47, Rua Bernardino Costa, 47-1.º	Avenida 24 de Julho, 1-1.º
Telefones: 2 3232 / 2 3233 / 2 3234	Telefones: 26001 (4 Linhas)

Perutz

Películas, chapas e bobines para a Leica e Contax. Emulsões rápidas, pancromáticas e ortocromáticas. Sem grão e sem filtro. Leica, Contax e todos os acessórios. Trabalhos de amadores. Remetem-se catálogos.

ROIZ, LDA.

82, R. NOVA DO ALMADA, 84

TELEFONE 2 4670 - LISBOA

LOTARIA DA

Misericórdia de Lisbo

EXTRACÇÕES SEMANAI

1.º PRÉMIO 400.000$00
2.º PRÉMIO 30.000$00
3.º PRÉMIO 10.000$00

●

2% do capital emitido são destinados aos Serviços Juridicion de Menores, 67¾ % do capital são distribuidos em prémi

Os lucros líquidos são distribuidos pelo Tesouro Público, Mise córdia de Lisboa, Hospitais Civis de Lisboa, Casa Pia de Lisb e Direcção Geral de Assistência. A prescrição dos prémios lotarias, reverte a favor da MISERICÓRDIA DE LISBO

REVISTA DE CULTURA E PROPAGANDA
ARTE E LITERATURA COLONIAIS

/

O MUNDO PORTUGUÊS

DIRECTOR: AUGUSTO CUNHA

/

◀ SUMÁRIO ▶

Do Ruo ao Loumé. O Mataca. (continuação)	João de Azevedo Coutinho
África nostrum / África desconhecida	Jorge Ramos
Idea Portuguesa de Império	Manuel Anselmo
Síntese da actividade colonial em 1934	F. Alves de Azevedo
Antologia Colonial. «Antoninha»	Hipólito Raposo
A Arte das Colónias Portuguesas	Diogo de Macedo

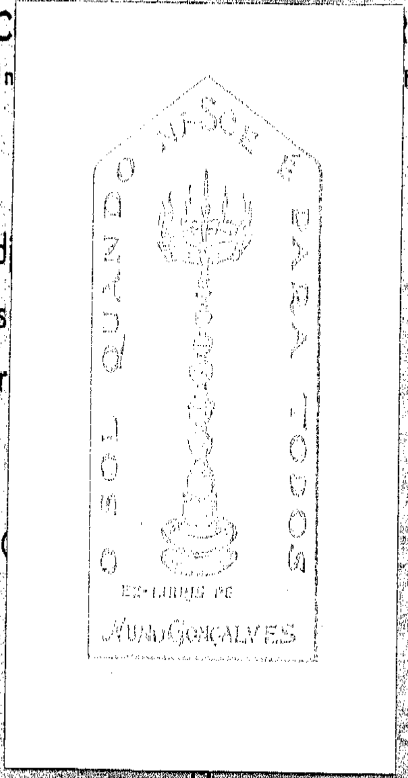
Número 14 — Fevereiro de 1935 — Volume II

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS
RUA DA PRATA, 34 // LISBOA // TELEFONES 20651 - 20652

//

C RA
(In to)

	6 meses	12 meses
Continente e Ilhas adj	17$00	32$00
Colónias Portuguesas	23$00	45$00
Índia, Macau e Timor	25$00	50$00
Estrangeiro . . .	50$00	100$00



//

NÚMEROS ESPECIAIS

Desta tiragem, em papel Manchester Ledger e couché Chelsea, executaram-se 25 exemplares, numerados e rubricados pelo Director.

Comp. e Impr. - Sociedade Industrial de Tipografia Limitada - Rua Almirante Pessanha, 5 - ao Carmo
L I S B O A

DO **RUO** AO **LOUMÉ** / O MATACA /

(CONTINUAÇÃO)

São os «zimbas» em cujos ferozes actos de guerra nos fala F. João dos Santos, e que justamente no Baixo Chire, na Ilha *Inhangome* ou ali perto, na *Mutarara* inflingiram grandes perdas aos comandantes de Sena e Tete, em tempos que já vão longe.

Com grande interêsse, me havia recomendado Neves Ferreira que procurasse afirmar a nossa soberania, por forma incontestável, ao longo da margem esquerda do Ruo, e que procurasse abrir caminho seguro, que cortasse os antigos caminhos do «Massingire», do «Derre» (Marral) e mesmo do «Borôr» para o Milange e para a parte da região dos Lagos, que viriamos certamente a ocupar mais efectivamente.

No «M'ponda», ao sul do Niassa estava então o alferes de infanteria João Teixeira de Sousa, com os Padres de Nossa Senhora de África, do Cardeal Lavigerie, que para lá haviam sido mandados por António Maria Cardoso. Encontravam-se em condições, então desconhecidas do govêrno, mas de facto bem difíceis. A elas talvez venha ainda a referir-me, quando falar naquele destemido inteligente e modesto oficial, cheio de serviços e conhecedor como poucos da Zambézia.

Na margem oriental do Niassa não tendo também comunicação com o mundo oficial, estava o alferes de África Lourenço, pouco culto e sem iniciativa possível, dadas as condições em que se achava, sòsinho, mas que sendo para lá mandado com duas dúzias de pretos por António Maria Cardoso, seguira, mostrando arrôjo e dedicação.

Não permitiam então as chuvas que me metesse a caminho com uma expedição.

Esperaria pois pelos fins de abril ou princípios de maio para o poder fazer. No entanto passavamos o tempo fazendo dar instrução militar aos soldados e aos cipais mais novos que agrupara numa companhia.

Caçavamos quando podia ser.

A nordeste de Chilomo, atravessando uma faixa de magnífica floresta havia um «*dambo*» a que noutras partes chamam «*tando*» (antigo pântano sêco) onde a caça abundava; zebras, búfalos, gondongas, inhacodzes, palas-palas, e tôda a espécie de antílopes. Algumas vezes ali vimos pequenos bandos de elefantes e mesmo alguns rinocerontes.

São estes animais perigosíssimos, como se sabe, e que, a-pesar-das suas formas atarracadas e pesadas, investem com uma velocidade prodigiosa. A espessura do seu coiro torna difícil abatê-los a não ser com arma atirando bala *express* ou com camisa de aço, ou mailechort, e de bom calibre.

Não são gregários, e é raro verem-se mais de quatro ou cinco juntos.

Não receiam nenhum inimigo, a não ser talvez o homem, mas feridos ou perseguidos investem contra êle com verdadeira ferocidade. O leão foge dêles como se fôsse um simples gato...

É conhecido que algumas vezes elefantes têm sucumbido aos ataques de rinocerontes adultos que lhes furam o ventre com as terríveis pontas. Há duas espécies, sendo os mais pequenos chamados negros (chenejaua) e os mais temidos: os brancos já não existem em Moçambique.

Os elefantes, ao contrário, andam sempre em manadas, mais ou menos numerosas. Elefante isolado é velho ou defeituoso; chamam-lhe os pretos «marida» (doido) investe sempre como furioso ao ver um inimigo. Dizem os entendidos que os elefantes, que todos sabemos muito inteligentes, ao verem o rasto de outros, conhecem se êles vão em fuga, mesmo que os sinais ou pégadas sejam velhos de alguns dias, e lançam-se imediàtamente em seu seguimento, a tôda a velocidade.

As fêmeas, defendem as suas crias com verdadeira heroicidade.

As patas e a tromba do elefante são comestíveis e boas, parecendo mão de vaca. Só uma vez provei tal *acepipe* que me foi dado em um almôço, por acaso, no dia do meu aniversário.

Só depois de ter comido o que julgava ser o clássico «macatoz» dos cosinheiros pretos, os meus companheiros me revelaram o que era...

Fui visitar o tenente José Cardoso que estava na aringa do Massingire, por alguns dias.

A aringa era uma das maiores que jàmais vi. Numa das noites que ali passei, 'i a um leão que nos incomodara tôda a noite com os seus rugidos, ferindo-o almente: acabei-o horas depois, quando fui para isso chamado por alguns cipais que o viram a poucas centenas de metros da aringa. A arma que eu tinha nesse tempo era uma espingarda americana «Ballard» levando 15 cargas no depósito e atirando balas «express» de 44. Era de *grande precisão*.

Em princípios de maio, comecei preparando tudo para dar cumprimento ao que Neves Ferreira determinara. A 20 saía de Chilomo entregando ao tenente José Cardoso o comando que êle fàcilmente acumularia com o da Massingire (o capitão Brito havia retirado já).

Acompanhou-me parte da fôrça militar com o alferes G. da Silva e os cipais.

Ficavam em Chilomo um alferes, trinta soldados e os cipais de Massingire, uns 90, e guardas das ensacas dos outros prazos, prefazendo uns 120 no total.

Ficou a «Cherim» por então entregue ao engenheiro Manuel Joaquim Fernandes, rapaz decidido muito inteligente, cheio de zêlo e de boa vontade que me merecia tôda a confiança e amisade, e que durante tôda a sua vida de oficial foi um trabalhador exemplar e incansável. Os seus serviços, anos depois, na construção do cais em Lourenço Marques foram inestimáveis; aí cegou de um olho, e aí se aleijou numa das mãos, sem que desistisse de continuar no desempenho dos seus árduos serviços.

Comigo, levava o primeiro marinheiro José de Carvalho, velha praça que era a minha sombra, e que morreria perto de mim depois da «Mafunda», em 1891: mais duas praças de marinhagem e o resto dos cipais, uns 400, com o jóvem, alegre e sempre decidido José de Paiva Raposo, adorado dos pretos, que haviam conhecido o pai, falando bem o «chisena» e que sempre prestava bons serviços; o médico e alguns muzungos aguerridos e de confiança.

Iam o Trinta, o João Sécanéca e o Ambrósio com cipais do Marral, grandes caçadores e que conheciam os caminhos que íamos cortar, isto é, da Aringa (Marral) e do «Derre» para o «Matipuire» o «Milange», para o «Cuirassia» e para o M'ponda no «Niassa».

Como os carregadores fôssem poucos, o *poço* (mantimento) era carregado pelos próprios cipais,

Seguimos a margem do Ruo não encontrando quási resistência e tendo trocado alguns tiros, por três vezes, antes de chegar às cachoeiras de «Zôa», tendo-se apresentado vários «inhacuauas» e «muénes».

Calculámos ter andado ao longo ou a pequenas distâncias do Ruo, uns 90 a 100 quilómetros, contornando as serras de «Mobo» e «Manga», por caminho muito difícil e muitas vezes, através de floresta por onde seria impossível fazer passar a artelharia a braços, como já verificara no Chire, e inútil levá-la, desmontada, às costas. Felizmente deixara-a em Chilomo.

Nos meiados de junho, voltei ao sul, para submeter o régulo «M'lôlo» que não se apresentara, e tinha várias povoações, entre as quais uma famosa, por estar colo-

cada no alto da *serra*, como diziam, *Kopje* como verifiquei, numa quebrada em forma de bacia, e quási inacessível.

Nos dias 16 e 17 de junho foram arrazadas cinco povoações do «M'lôlo», das quais duas fortificadas com fracos «sanzoros», tendo havido alguns feridos dos nossos e um cipai morto, e entre os homens do régulo alguns mortos e uns vinte feridos, onze dos quais aprisionámos e foram tratados pelo médico.

No dia seguinte, depois de haver subido lentamente, durante tôda a manhã, chegámos até às proximidades do *Kopje*, topando com a povoação grande do régulo, na tomada da qual gastámos uns quinze minutos, arrazando-a por fim, havendo tiroteio que dificilmente fizemos suspender nos nossos homens. Tivemos um soldado e seis cipais ligeiramente feridos, tendo desaparecido outros dois cipais. O «M'lolo teve mais baixas, e fizemos uma centena de prisioneiros, homens e mulheres. Aproximando-nos do monte, podemos verificar que na quebrada, no seu alto, havia uma povoação como constava. Vimos pretos que dispararam tiros em tom de desafio.

Depois de ouvir os brancos e capitães, resolvi atacar a serra.

O mato era fechado em alguns pontos de modo que não foi possível completar-lhe o cêrco, nem a gente de que dispunha dava para isso.

Dividi a fôrça em três colunas, uma comandada pelo alferes, com um marinheiro, outra comandada por José de Paiva com o José de Carvalho, e a terceira por mim. Eu atacaria pelo sul, as outras colunas iriam — a primeira para leste — a segunda para oeste do monte. O médico ficou com dez soldados e uns cem cipais, com dois muzungos, os feridos, os prisioneiros e os carregadores. O Ambrósio ficou comigo, o Trinta com o oficial, e o João Sécanéca com José de Paiva.

Cada um dos comandantes das colunas dispunha mais de três soldados angolas que tinham dado já as suas provas.

Aos tiros de cima mandei responder, à falta de artilharia, com umas salvas seguidas dadas pela fôrça regular.

Produziram efeito, e mandei que fôssem repetidas, enquanto começava a difícil escalada do monte, em que, apenas um trilho permitia o acesso da encosta a pique. Quando de baixo, vissem os *cofiós* encarnados dos cipais a meia altura, suspenderiam o fogo dos soldados, e nós avançariamos como pudéssemos, contra a povoação que era pouco menos que inexpugnável...

Começámos a escalada, e eu, em certo ponto, já próximo do alto ia tão fatigado que me sentei numa pedra. O perigo assim era maior, inquestionàvelmente, e vendo-o oito machileiros do Marral, os melhores da Zambézia, atléticos e gigantescos, que me seguiam com a machila, pegaram em mim, e à custa de esforços sobre-humanos galgaram ao cume do *Kopje* num arranco de esfôrço e de arrôjo, a-pesar-de alvejados por tiros de pretos embuscados no alto. Seguiam-me o marinheiro, e os soldados e os cipais, que cantavam uma canção de guerra.

Ao chegar acima verifiquei com despeito, que a povoação tinha sido abandonada havia minutos, e que só ficara a inevitável velha tonta. Havia ainda «calangos» (panelas) ao lume, e fogos acesos.

Tinha a povoação umas vinte palhotas tôdas boas e intactas.

Um dos machileiros fôra ferido na cabeça por um projéctil, mas com sorte, porque o ferimento apenas interessou o couro cabeludo.

Mal chegámos ao alto ouvimos vozearia e tiros em baixo. Os cipais de José de Paiva tinham apanhado uns cincoenta homens armados que se escapavam do alto; alguns caíram vítimas do tiroteio, mas o «M'lôlo», um homenzarrão ainda novo ficou prisioneiro. Tivemos alguns feridos e dois dos cipais de José de Paiva, apanhados isolados, e surpreendidos pelos fugitivos da serra, foram por estes azagaiados, morrendo.

Descançámos um dia. Presenciei então um caso curioso. Um dos nossos cipais, de nome «*Chochône*» caíra ferido por uma bala esférica, no ataque ao monte: entrou-lhe a bala pelo peito saindo-lhe pelas costas. Todos o reputávamos perdido, embora êle estivesse muito fresco e bebesse, como maior prazer, o inevitável *mata-frio*, como alguns chamam à aguardente. Examinou-o o médico com o maior cuidado, e descobriu que o homem tivera sorte! o projéctil descrevera um arco, circundando as costelas por debaixo da pele e tecidos, entrando pelo lado do peito e saindo pelas costas sem atravessar o «Chochône», que depressa se curou.

A noite estava fria, e resolvi fazer uma distribuição de aguardente, 0,'03 por cabeça, pois levava 3 ou 4 garrafões de álcool.

A-pesar-de êste ser bem desdobrado com água, houve inexplicáveis e imprevistas borracheiras...

Assim, um «Sachecunda» de cipais, da Maganja Além-Chire, de nome *Fraqueza* que ficou *popular*, adormeceu por tal forma que rebolou a dormir para cima da fogueira, ao pé da qual se deitara, não acordando, a-pesar-de muito se queimar, senão quando, diziam os «chamuares» (companheiros, amigos) se lhe despertou o apetite ao cheiro da própria *carne assada*, pois que acordara a clamar «nhama! nhama!» (carne)...

No dia 20 seguiamos a E. S. E. em direcção às terras do régulo «Gumbi». O «M'lôlo» que não era seu amigo, serviu-nos de guia e foi um bom guia. Depois de entrarmos na povoação de «Chindio», a própria do «Gumbi» e mais duas, tudo sem resistência nem baixas, em 23 à tarde apareceu-nos o «Gumbi» na «Chinamba» com alguns «muénes» *pegando pé*, e prestando vassalagem.

No dia seguinte seguia pelo «Chiperone» com destino às terras de «Mangassanja».

O «Chiperone», macisso montanhoso, que se avista de Chilomo como um largo tronco de cone encimado por outro de menor base, e que lhe fica a uns sessenta ou setenta quilómetros distante, tem, se não estou em êrro, uma altitude de uns 1800 metros.

É cheio de vegetação nas suas faldas em que se encontra muita água e macissos de bambús gigantes que, cortados convenientemente, forneciam baldes para água. Aí fiz cortar boas canas de machila que depois mandei para Quelimane.

Contornando essa serra, por caminhos montanhosos, seguimos por marchas difíceis até à povoação de «Mangassanja» ao norte do «Chiperone» e a uns vinte quilómetros ao sul do Ruo.

Tínhamos assim cruzado um dos caminhos do Marral-aringa-Derre para o «Chiperone» Milange-Niassa, o que assegurava comunicações pelo Zambeze e Chire, mais cómodas e fáceis do que através dos prazos.

Preparava-me em 29 para regressar a Chilomo, quando o Ambrósio, com outro grande do Marral, que já tinha ido ao «Mataca» com o desventurado Valadim e tinha passado em «Milange» e no «Curzassia», conhecendo ambos alguns «Matipuires» que anualmente iam a Quelimane com caravanas de marfim, me procurou e confidencialmente me disse «que pelas terras no «Macúa-Lomúe» não muitos dias longe do «Milange» andavam «mujôjos, ajáuas *moiros*, do Rei grande *Moiro*, das terras para lá de Muipiti» (Moçambique): (queria dizer mujôgos ou árabes do Sultão de Zanzibar) a trazer guerra, a queimar povoações, a comprar negros para escravos».

Resolvi inquirir melhor o que havia, e trouxeram-me o informador, muito secretamente.

Era um chefe de caravana dos «Matipuires», que tinha estado ao serviço de Romão de Jesus Maria no «Marral» uns anos, falando um pouco de português, e que havia casado com uma preta do «Cundine» no «Luálua». Ia quási todos os anos a Quelimane, e, então ia a «Cundine», com a mulher e uns criados visitar a família dela. Depois de me fazer os seus cumprimentos e ter recebido bom «ságuate» de fazenda, contou-me que havia dias tinham seguido uns brancos para o «Boror», prazo que êle conhecia por ser limitado com o «Marral» e por haver feira de marfim no «Ingode», e que ao passar na povoação do «Mulira» encontrara a gente em alvorôço por se saber que andava guerra de «mujôjos» a ajudar um régulo contra outro, para o lado de «Mabanhama» e «Mahura» e que os árabes levaram os pretos com forquilha para as terras de «Tola» e do «Medo».

Decidi imediatamente procurar êsses infames negreiros e resolvi dar uma constituïção ligeira à coluna, dando-lhe mais mobilidade, mas conservando-lhe a fôrça indispensável para enfrentar inimigos, valentes e decididos, como são os mujôgos que eu bem conhecia já dos meus tempos de guarda-marinha, no Infusse, no Mojinquale, em Saugage, no Mocambo e no Tungue.

Reduzi pois a fôrça que me acompanharia ao indispensável. Levaria comigo três brancos, José de Paiva, José de Carvalho e outro marinheiro de nome Amândio, oito soldados, 5 angolas e 3 Inhambanes, o Ambrósio, o Trinta, os cipais do Marral e alguns caçadores de «absinta» ao todo 200 homens.

O resto da fôrça com as bagagens e cargas ficaria como possível apoio, próximo do «Chiperone», retiraria contudo para Chilomo se lhe escasseassem os mantimentos.

Decidi seguir caminho paralelo e distante do que seguiam os negreiros, e tomando-lhes a dianteira convergir então ràpidamente sôbre êles, sem lhes ter suscitado desconfiança se possível.

De «Mangassanja» à «Luanja» no monte «Tumbine» são uns trinta quilómetros de mau caminho que fizemos em um dia, passando os rios «Cachesi» e «Longosi» e nas povoações de «Muliu» e «Belua», no «Tumbine» ao norte do qual fizemos ràpidamente um pequeno fortim. Soubemos que os padres (jesuitas) do Milange, estavam muito longe, do outro lado da grande montanha. Na ocasião não sabia eu quem eram êsses padres. Do raid dos negreiros se dizia que êles eram umas dezenas e que andavam talando o país para leste, ajudados por bandos de «lomués».

O Tumbine é o esporão sudoeste do gigantesco massiço de «Milange» ao norte do qual fica o «Matipuire». Desisti, dada a urgência em alcançar o meu objectivo, de ir ver os padres. O nosso fortim que creio depois foi ampliado, ficou por nós conhecido, a-pesar-de estar ao sul da serra, por forte de «Milange».

Em vista das informações obtidas assaltou-me por um momento, a idea de que as minhas fôrças fôssem minguadas para castigar os negreiros, mas dado o exagêro das notícias que circulam entre pretos, como eu sabia, resolvi persistir no meu intento e cortei na direcção de um rio a que os pretos chamavam «Tamába» e que creio ser afluente do «Lugela», que por seu turno é afluente do «Lycungo», junto da povoação do régulo cego, *Mocumba-Muno*, que as fôrças que tive a honra de comandar em 1898 avassalaram, quando subjugámos a «Maganja da Costa» até ao «Ligonha» e até ao «Morrua».

Atingimos a povoação de «Tamába» a uns vinte quilómetros de «Tumbine», numa marcha por mau caminho, encontrando-a habitada por meia dúzia de homens que, embora com medo, nos apareceram, parecendo que nos esperavam. O resto dos homens, tôdas as mulheres e crianças haviam ido esconder-se, num «m'sito» nos montes. Dando-lhe alguma fazenda e missanga mostraram-se mais confiados e disseram que os negreiros, vindos do norte, ainda não tinham embocado o «Lugela» e que pensavam, logo que êles o fizessem, fugir para o Milange onde havia brancos.

Depois de lhes dizer que nós afastariamos a «guerra» consegui convencê-los a que nos dessem uns guias. Depois de largas conferências, e de terem despachado dois emissários ao m'sito que é uma espécie de reduto-esconderijo, retirado, bem metido no mato, ou entre penhascos, cercado de espinhosas, para proteger e esconder os fugitivos, resolveram que eu fôsse, acompanhado por três guias que seriam os que tinham velhas armas de pederneira, e a quem dei algumas cargas de pólvora e balas.

Puzemo-nos ao caminho, indo ficar de tarde num lindo sítio próximo da con-

fluência do «Medusi» com o «Lugela». Saímos na madrugada de dois de Julho, com 290 espingardas, como disse. Os brancos e soldados e alguns «mugungos», bons atiradores, levaram Kropatcheks, os grandes dos cipais e alguns caçadores, umas vinte *Martini*, o resto da gente Sneiders.

Depois de umas horas de marcha topámos com uma povoação arrazada e queimada. Como não era povoação fortificada, só a essas os seus habitantes costumam largar fogo quando fogem, isto é, quando são protegidas por *aringas, sanzoros, chitatas* ou *m'sitos*, conhecemos logo que já ali tinha passado a *guerra mujôja.*

Por ali ficámos, visto haver água e alguns cipais do Marral saíram em exploração com os guias.

Já de noite apareceram dizendo que os negreiros e seus auxiliares das povoações do régulo «Lomué» «Muabanamuno» levavam «condo» (guerra) para os lados dos «Anguros» de «Libudamuno» e do «Licire» que os mujôjos eram uns trinta ou quarenta, e a guerra «Muabanaumo» era muito numerosa: que tendo sido pressentidos lhes tinham feito uns tiros do outro lado de um rio.

Resolvi logo de manhã, ir-lhes no encalço, antes que êles se desviassem para leste, pois para o oeste era pouco provável que o fizessem visto serem terras mais ou menos avassaladas e donde nós vinhamos.

Depois de andarmos uns oito ou dez quilómetros, com as habituais precauções, veiu a guarda avançada, comunicar que se via gente armada, e outros de «cabaia», guarnecendo a orla de um pequeno rio na nossa frente.

Em breve começaram os tiros tendo eu verificado que êles se haviam estabelecido no interior de um ângulo quási recto formado pelo largo *mocurro* (pequeno rio) que se chamava «Libuda». Ataquei-os de frente, recomendando à nossa gente que se abrigasse, o que êles, veteranos, faziam com acêrto e cuidado, e destaquei, para, de largo, fazerem um movimento envolvente pelo lado do ângulo, perpendicular ao que eu atacava, o Ambrósio com outros muzungos, ao todo 5 kropatcheks, algumas Martinis e uns oitenta cipais, levando todos quarenta cartuchos com ordem de os poupar.

Foi surpresa eficaz, e o efeito de fogos convergentes, determinou a fuga imediata dos «Lomués» do *Muabanamuno*, ficando ainda os árabes fazendo fogo valentemente até que, começando os nossos, em número, a passar o rio que tinha pouco fundo naquele sítio, e vendo-se êles ameaçados de ter a retirada cortada fugiram fazendo ainda fogo.

Não deixei fazer perseguição a fundo, por temer as emboscadas, mas prosseguir ainda por duas horas, feita por uns 120 cipais, produzindo resultado.

Os mujôjos tiveram seis mortos: os seus chefes eram árabes de «Quilua» no «Zanguebar», os outros eram seus clientes *ajauas*, tão bravos e inteligentes como êles e homens do «Mataca»: eram ao todo uns 30.

Os Lomués, mal armados, tiveram bastantes baixas sendo aprisionados 22, alguns dêles feridos.

Os desgraçados «anguros» presos por forquilhas, gargalheiras, não podendo com facilidade fugir, também sofreram com o tiroteio, tendo feridos, mas ainda pudemos libertar trinta e três homens e algumas mulheres novas.

Dos nossos tivemos um morto, o velho cazembe Patrício, do Marral, e onze feridos, quási todos ligeiramente. Libertos os «auguros», que não acreditavam na sua sorte, e recolheram às suas terras, tomei por novo caminho pela serra «Maguigui» ao norte do «Liciri» e segui pelas povoações do «Palato» onde fui bem recebido pelo muéne, seguindo para a de «Suze» donde mandei estafetas ao Chiperone, para que a gente que ali ficara, seguisse directamente para Chilomo,

Nós também seguimos, encontrando-se as duas fôrças em «*Chindiuo*» e chegando a Chilomo em 15 de Julho. Os feridos depois de tratados foram mandados recolher aos seus prazos.

Licenciei tôda a gente ficando com 40 massingires e trinta dos cipais de José de Paiva, e 30 do Marral, que fàcilmente seriam rendidos.

Os prisioneiros foram durante algum tempo empregados nos trabalhos da nova povoação.

Pontualmente pagos pelo seu serviço, foram pouco a pouco sendo dispensados. Alguns houve que, algum tempo depois apareciam com *saguates* (presentes), desde maçarocas de milho a galinhas ou cabritos. Alguns pediram licença para se estabelecerem perto do reduto e assim teve início a nova povoação de Chilomo.

O combate no «Labudo» fez grande impressão entre os indígenas «anguros» e no «Lomué» e foi do conhecimento dos ingleses sob cujo protectorado estava já o sultão de Zanzibar,

Êste sabendo, ao que me contou depois o seu médico indiano e nosso dedicado amigo Sousa, que havia súbditos seus implicados no caso e tendo receado ter qualquer dificuldade com os *seus protectores*, implacáveis na repressão da escravatura, apressou-se, quando, meses depois o fui ver, passando em Zanzibar, a agraciar-me com a comenda da Estrêla Brilhante...

À minha chegada a Chilomo encontrei muita correspondência, muita felicitação, e notícia de que o meu modesto nome fôra dado em Portugal a várias ruas por terras das províncias; diplomas de nomeação como sócio honorário de várias e respeitáveis agremiações, etc., etc., e o seguinte ofício que, assim como as outras manifestações de aprêço, encheu de júbilo os meus vinte e cinco anos de vida, já *aguerrida relativamente*, mas também *relativamente inexperiente*, pois ainda não percebera como é verdade —, *quanto é verdade* — que «tout passe, tout casse, tout lasse»...

Il.^{mo} Ex.^{mo} Snr.

(Sêlo da Sociedade de Geografia)

«Temos a honra e a satisfação de comunicar a V. Ex.ª que a Sociedade de Geografia de Lisboa em sessão plena de 20 de Janeiro último, resolveu por unanimidade e calorosa aclamação que fôsse exarado na acta, um voto de alto agradecimento e louvor a V. Ex.ª pelos relevantes serviços prestados por V. Ex.ª à ciência, à humanidade e à Pátria, e bem assim aos beneméritos capitães-móres, oficiais e proprietários da província de Moçambique, que dedicadamente têm auxiliado V. Ex.ª.

Deus guarde a V. Ex.ª
Sociedade, 1 de Abril de 1890.

Il.^{mo} Ex.^{mo} Snr. João Coutinho

A Direcção

O Presidente
Francisco Maria da Cunha
O Secretário perpétuo
Luciano Cordeiro
O Secretário anual
Palermo de Faria

A-pesar-de muito rijo andava cançado, e resolvi, para ter algum repouso, ir a Moçambique cumprimentar o novo governador geral tenente-coronel de engenheiros Joaquim José Machado, que eu já conhecia do tempo em que, êste colonial ilustre e grande homem de bem, dirigia a construção da linha do caminho de ferro de Lourenço Marques ao Transvaal.

Pouco há a dizer (por serem bem conhecidos) dos altíssimos serviços prestados no Ultramar por êste prestantíssimo homem público, que teve tanto prestígio, na África do Sul, pelo menos, como tinha em Moçambique.

Basta citar um facto que foi celebrado, na então República do Transvaal, como digno de um Catão.

Quando terminados os trabalhos de construção do caminho de ferro que tanto aproveitava à, nesse tempo, República Sul-africana, o presidente Kruger e o seu govêrno, quizeram dar como recompensa a Machado umas dezenas de milhares de libras. Machado recusou-as dizendo que tinham os seus serviços sido pagos pelo seu govêrno, e que nada mais recebia de outro govêrno.

Chegado a Quelimane segui de novo no «Auxiliar», que se não estou em êrro, era então comandado pelo guarda-marinha Guilherme Ivens Ferraz, que durante a sua longa vida de marinheiro se afirmou sempre como um brilhante oficial, desempenhando as mais arriscadas e honrosas comissões, e que ainda ùltimamente, na China, quando comandante da divisão naval portuguesa, foi escolhido para comandar as fôrças navais internacionais que ali actuaram; desempenhando êsse cargo com o maior brilho e prestígio para a Nação, e com o louvor, consideração e respeito dos que às suas ordens serviram.

No «Auxiliar» embarcou também o alferes João António Teixeira de Sousa em quem já falei, e que fazia parte desde 5 de Outubro de 1889, da expedição de António Maria Cardoso, a qual se denominava oficialmente «Missão Civilizadora Henrique de Macedo ao lago *Nhassa*».

Essa missão avassalou bastantes régulos, como consta dos termos de vassalagem oficialmente publicados. O primeiro foi o régulo ao N. E. de Milange, cujo nome era «Matipuire Macenda». Aí esteve Cardoso bastante tempo, e de lá despachou emissários para os régulos até ao Niassa. Entre outros o «M'ponda ben-m'cuata» ao sul do lago, e o «Cuirassia».

Levavam os emissários de Cardoso *saguates* de valor. Os enviados de alguns dêsses régulos foram prestar vassalagem a Quelimane, onde eram novamente *presenteados* e recebiam a bandeira portuguesa.

Em geral os enviados de Cardoso foram gente do «Matipuire» que se afeiçoou a Cardoso, a quem chamava *Caridoso*, como testemunha Teixeira de Sousa; admitindo que o preto assim lhe chamava pela *caridade* com que Cardoso lhe *matava o bicho*...

Os régulos em geral tinham as bandeiras guardadas, é forçoso confessá-lo, e não as içavam por saberem o que ia pelo Chire, e quererem ver quem ganhava a partida.

No «M'ponda» sucedeu o mesmo, e Teixeira de Sousa, a-pesar-de não dispor de fôrça para se impor quiz chamá-lo à ordem, declarando o régulo que tinha a nossa bandeira guardada num *saco*, conjuntamente com a inglesa, que içaria a nossa, mas também a outra... A verdade é que tinha receio dos ingleses em cujo território veiu a ficar incluído. A-pesar-disso, quando êles tomaram posse dessas terras, destituiram o «M'ponda» que não era o legítimo régulo. Devia sê-lo o «Chingarangara» sobrinho do régulo anterior. Tinha êste como «Uasir» (conselheiro) o «M'ponda», seu *factotum*, tendo ambos manobrado por forma que o «M'ponda» lhe sucedesse.

Daí resultou a guerra entre os dois, com as atrocidades habituais, e as cabeças dos partidários do «Chingarangara» ornamentando os paus de aringa do «M'ponda».

Teve êste ao seu serviço vários *mangas* de «*Agonis*» que, *acabado o serviço*, lhe declararam que o tinham ajudado porque lhes pagava bem (1) mas se noutra ocasião o «Chingarangara» lhes pagasse melhor, seria a êle que ajudariam...

(1) Carta para mim, de Teixeira de Sousa.

Quando os padres e Teixeira de Sousa saíram do Marral para M'ponda, disse-lhes Cardoso, para não aumentar o número dos carregadores, que levassem pouco rancho, pois que no mês seguinte lhes seria enviado mais, que já estava encomendado em Quelimane, mas êste nunca apareceu...

Os padres chegaram a não poder celebrar missa por falta de vinho...

Para substituir o café tomavam mapira (sorgo) torrada e moída, em vez de vinho tomavam, quando o havia, *pombe* (cerveja cafreal) muito filtrada. Para adquirirem peixe, arroz e galinhas tiveram que comprar aos ingleses algodão estreito ao preço de £ 1 a peça, que poderia valer quinze tostões.

O pagamento era feito em Quelimane, pelo seu correspondente, ao agente da da «African Lakes» que era A. Carnegis Ross, consul.

Tinham os padres um correio regular que era Malgache, e por êle, várias vezes, pediram providências ao governador de Quelimane sem resultado, de modo que resolveram dirigir-se a Neves Ferreira.

Êsse, imediatamente respondeu que dera ordens terminantes ao governador de Quelimane para remeter o rancho. A-pesar-disso nunca apareceu, e o padre Mercui com Teixeira de Sousa, resolveram ir até Quelimane. Em princípios de Junho de 1890 abalaram a pé, acompanhados sòmente do cosinheiro de Teixeira de Sousa, e de um criado (escravo) que o M'ponda lhes cedeu como grande favor.

A bagagem consistia nas *fumbas* (esteiras do feitio de um saco, em que se mete quem quere dormir) uma peça de fazenda e alguma missanga... Para encurtarem o caminho, alteraram o itinerário, não seguindo o mesmo da ida. Na segunda tarde de viagem passaram numa povoação da rainha «Cabuto-M'saca», onde todos os habitantes estavam embriagados, por ser dia de *pombe*, sendo perseguidos por essa gente que queria *saguates*, e que só os deixou quando viram os brancos passar as armas da bandoleira, para as mãos. De novo, em outras povoações, se repetiram as exigências a que Teixeira de Sousa respondia que a raínha era vassala do Rei de Portugal, e que não importunassem os brancos... ao que os negros respondiam que bem sabiam, mas que *só ela* recebera a bandeira e os presentes... Foi preciso que o Padre e Teixeira de Sousa ostensivamente puzessem as armas ao pé de si para êles retirarem. De noite o chefe da povoação veiu preveni-los que fugissem pois a gente que se retirara, voltaria com outros em massa, com maus intuitos, e forneceu-lhes um guia.

(Segue no próximo número)

JOÃO DE AZEVEDO COUTINHO

ÁFRICA NOSTRUM — ÁFRICA DESCONHECIDA

Filão de ouro da época miliumanoitesca do poderio lusitano. Sacratíssima herança da idade aurifulgente das Descobertas e das Conquistas. País do sol imenso — em que é profundo tudo o que a aridez doira em legenda. Portentosa região de lenda e sonho, ventre ubérrimo do mundo que evoca as edénicas origens das raças onde o homem edificou, sob o domínio do seu vigor de hércules, tôda a poesia máscula da solidão, lutando com o pesadêlo dos abismos em que adquiriu a noção da eternidade, a revelação da alma, e lutando com as feras — o perigo constante que povoou sua imaginação de luares tétricos, de visionações sublimes ainda hoje incrustadas em magia nos esplendores duma arte exótica, contagiada dessa divina sobrenaturalidade. África! É o músculo da Terra. Construiram-se civilizações, levantaram-se impérios, — e África ficou recolhida na sua vida primitiva, à beira dos grandes lagos onde outro sentido da civilização edificava o sentido familiar da «tribu», nos escassos oásis dos areais longos, nas alfombras raras das planuras em que junto de cada árvore se erguia o rito patriarcal do lar indígena. Mas o homem negro, poderoso e forte, cujos nervos têm ainda hoje a serenidade das florestas silenciosas, e em cuja fôrça se comunicam os ritmos das vertentes angustiosas e as estranhas ansiedades dos bosques virgens,

que escondem como nas velhas páginas duma fábula de Esopo coisas prodigiosas para a sua sensibilidade agreste, prevaleceu fiel aos seus ídolos, habitando o círculo maravilhoso das suas concepções da Vida e da Natureza.

É por isso que ainda hoje África nos oferece o panorama extraordinário duma região magnífica, que parece concebida por um poema fantástico. No coração virginal da África desconhecida palpita ainda a remota configuração do sortilégio e do mistério!

A selva dorme.

Noite bruxa, de fascinação magnética em que se diluem brilhos de diamante num fundo mágico de veludo.

Luzem, como carbúnculos verdes, esmeraldas em que se espalha tôda a côr da floresta iluminada por essa luminiscência, os olhos dos leopardos que passam na vagarosa astúcia da sua ronda de vagabundos.

É a hora da sêde.

Serpenteiam para os charcos as cobras mosqueadas de arabêscos. Há na sua elegância nervosa feita de indolências viscosas um jeito grácil de que se enamoram na culminea dos coqueiros desgrenhados, no embalo delicioso das braçadas milenárias dos baobás, nas cabeleiras hirsutas das palmeiras, nas adustas ramarias dos cêdros majestosos—as aves que calaram assustadas seu trino, pondo uma pausa de inverosímil adoração na sinfonia dos gorgeios. E entre os braços crispados das frondes que parecem dobrar-se e torcer-se numa permanente inquietude de náufragos, surgem dominadoras, angulosas, espectrais, ossudas, coleantes as hienas, em cujo olhar de gêlo e de granito há, todavia, incêndios, tempestades, clamores. Exausta no azul intérmino, entre a doçura angélica de rendas de núvens, como pupíla cansada, extingue-se a lua boiando na amplidão. Adivinha-se nos ombros das montanhas o primeiro rubor da génese misteriosa da manhã. Entre desfiladeiros imensos que amplexam rios nostálgicos, desfila muda e grave a caravana de elefantes. Tôda a selva agora estremece num vozear confuso, o cacarejo intranquilo, o trilo amoroso, o grito ácido, a chilreada garota, o grunhido ronco, a cantilena absurda, que orquestram a apoteose do alvorecer.

Agilíssimas, airosas, duma esbeltez onde há qualquer coisa que se desprendeu, como ondina imaterial, da redondilha helénica duma ânfora, as côrças passam ligeiras, desenhos vivos em que qualquer coisa de etéreo e transparente se pressente na desenvoltura graciosa e fugitiva, evocadora de certos motivos dos frisos egípcios — em que os ginetes parecem alar-se numa mística arrogância mitológica. Másculas, fortes, mas de olhos infantes que contêm cândidos afagos, as zebras espalham-se numa correria de bucentauros pela planície loira.

Abrigam-se então nos nichos pétreos das serranias escalvadas, descarnadas como ossos, (onde teve agonias vulcânicas, sob a fogueira do sol tropical, a penugem verde duma vegetação exangue e sequiosa) os condores e os abutres — azas do céu que lamentaram tôda a noite seus amores trágicos, seus funéreos destinos... Altivo, merencoreo, solitário, islamita dos desertos, sua magestade o leão abrange com os olhos abstractos a longura, e lá em baixo, no extase religioso dos valados flutuam sôbre águas estagnadas, lamacentas, dorsos gigantescos de hipopótamos.

A manhã dilata-se... O dia sobe como uma chama. Nas sombras relvosas descansam as gazelas. A toada monótona e plangente dos crocodilos grava nas águas pantanosas dos rios uma sussurração inquietante. E nas aldeias que debruam êste cenário de selva, calado o tan-tan, aquietados todos os rumores, os grandes Chefes conciliabulam sôbre as glórias imorredouras do destino das suas tríbus...

J O R G E   R A M O S

IDEA PORTUGUESA DE IMPÉRIO

Escrevi há tempos, a propósito do *Quinto Império*, poema de Augusto Ferreira Gomes, que o Nacionalismo português, na sua faceta imperial, foi sempre uma expressão de *cultura*. Bom é que se repita a idea, numa hora em que, nas sete partidas do mundo, se pretendem impôr sentimentos nacionalistas a povos sem tradição nacional.

Na verdade, sendo o Imperialismo mais uma dilatação de *cultura*, (língua, costumes, religião, tradições, etc.) que uma dilatação territorial, feita arbitràriamente pela fortuna das armas, o Nacionalismo português — que foi o Primeiro! — terá de ser, racionalmente, a *presença* dessa cultura que tornou possível a nossa aventura cristã e civilizadora, pelas plagas e pelas àguas, na segunda Dinastia.

Assim, sem eu querer, tenho já simplificada a minha tarefa: — a idéia portuguesa de Império é, afinal, a expressão sempre viva da sua capacidade civilizadora. Volto a repetir, com Maritain, que *civilizar é espiritualizar*, definição essa que parece ter surgido da observação do imperialismo lusíada.

Que tal foi, nesse passado glorioso, o escôpo fundamental das caravelas, — prova-o ter sido, num *poema*, revelada a sua tonalidade *universal.*

Os *Lusíadas* serão sempre a *celebração* heróica (note-se que não escrevi *afirmação)* da atitude imperial do nacionalismo português, na sua aventura de *dilatar a Fé e o Império* em simples naus feitas de pinheiros virgens.

Eis a origem do nosso fenómeno imperial, da qual convém tirar ilacções. Afirmo agora que, só com um govêrno Forte, ou seja com um govêrno inteiramente Nacional, a idéia imperial será possível. O Liberalismo, com as suas teorias anti-portuguesas de Liberdade, de livre concorrência, de democracia política, veio abrir na Nação imperial, um lamentável parentesis — que, graças a Salazar e a Armindo Monteiro, o Estado Novo acaba de fechar.

As Nações, e Portugal entre todas é *ímpar*, que deram ao mundo, mais que a sua organização administrativa, a sua civilização *creadora*, têem um *destino* que é anterior e superior às modalidades políticas das diferentes épocas isoladas. Deus deu à Vida e às Nações parte da Sua Eternidade. Assim, é a êsse *destino* que as épocas têm de obedecer, sob pena de, miseràvelmente, o traírem — embora traição provisória e inútil. Esta *«fidélité à l'éternel»,* de que nos fala Mestre Maritain, não pode, todavia, significar o dever de *«rester attachés, non à l'éternel, mais à des fragments du passé, á des moments de l'histoire immobilisés et comme embaumés par le souvenir, et sur lesquels nous nous couchons pour dormir». (Religion et culture,* pag. 84). Nada disso. «Os que assim procedem — continúa Maritain, — não desprezam o mundo como os santos, mas sim como os ignorantes e os presunçosos».

*

* *

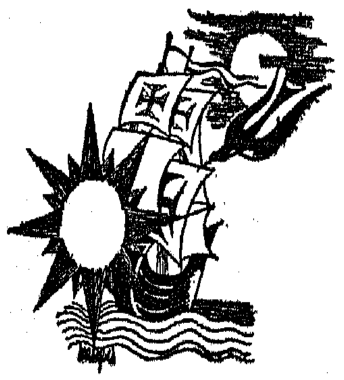
Devemos continuar fiéis ao sentido imperial do destino português, não para o louvarmos religiosamente, mas para o continuarmos, virilmente. Assim, eu que detesto a presunçosa mania das definições, permito-me, desde já, protestar contra a chamada *ciência colonisadora* ou *ciência imperial.* Nem há ciência colonisadora, — mas sim *vocação* ou *dom* de colonisar, — nem são idênticos o fenómeno colonisador e o fenómeno imperial. Colonisar é *realizar*, por métodos técnicos ou pessoais, o conteüdo *espiritual* da *idea* imperial. Nestes termos, pode um país ser, como a Bélgica, um país *colonisador* sem que seja uma Nação Imperial.

Restar fiel à idéa imperial cristã, é o dever da Nação Portuguesa. Antigamente, forçoso lhe foi descobrir mundos e mares, em barquinhos românticos apenas protegidos pela Cruz de Cristo. Uma vez descobertos êsses mundos, urgia espiritualisá-los, civilisá-los, cristianisá-los. Foi essa a tarefa que o liberalismo quis interromper mas que não conseguiu porque já estava, então, concluida. E agora, ¿qual deverá ser o dever imperial da actual Hora portuguesa?

Poetas geniais como Fernando Pessôa aguardam que «se cumpra Portugal». Não são precisas mais caravelas frágeis, nem sacrifícios de homens ou de almas. O momento é, apenas, de *lusitanismo* integral, isto é, de aportuguesamento, em tudo, das nossas *províncias* de além-mar, esquecendo-nos de que elas foram Colónias. Urge levar para lá, a par das nossas leis, a nossa alma portuguesa e trazer para cá, ràpidamente, as suas aspirações justas.

Portugal Eterno, Portugal Imperial, não venceu os mares para que, agora, os mares interrompam a respiração portuguesa. Por sôbre os mares Portugal terá, agora, porque é Eterno, que *cumprir-se...*

M A N U E L A N S E L M O



SÍNTESE DA ACTIVIDADE COLONIAL EM 1934

Falar na obra realizada no ano de 1934 sôbre o ponto de vista colonial é acima de tudo pôr em relêvo a acção do Sr. Dr. Armindo Monteiro na pasta das colónias.

Todos os acontecimentos notáveis dêste ano tão glorioso para o nosso presente como potência colonial, trazem de longe ou de perto a marca, o sêlo da sua iniciativa.

Sem nos demorarmos a falar nesses esplêndidos triunfos que foram a Exposição Colonial do Pôrto e a nossa participação na Exposição de Arte Colonial de Nápoles cuja repercussão os nossos leitores certamente conhecem dos jornais, e que permitiram tanto em Portugal como em Itália um contacto directo com o problema colonial português, que tão afastado ainda se mantinha das preocupações portuguesas tanto como do conhecimento da gente italiana, mostrando num e noutro caso duma maneira decisiva o valor de uma propaganda eficiente e bem orientada, desejamos salientar que o ano de 1934 no plano colonial foi fértil pelo menos para nós portugueses não só em acontecimentos de um alcance inapreciável como em ensinamentos que devem valorizar perante a nossa inteligência, a importância e a utilidade que resulta para um país da circunstância de possuir colónias.

Em 1934 se realizaram e completaram no nosso império grandes obras de engenharia e hidráulica como a ponte do Zambeze, que virão sem dúvida a ter um extraordinário alcance de futuro.

O flagelo da miséria que se abateu sôbre a Europa e a América mostra bem que se o ouro não é uma quimera não deve ser considerado em todo o caso como uma panaceia ou remédio universal para todos os males.

Qualquer país que não possa viver sôbre si próprio, sôbre os seus próprios

recursos, que não possa cobrir o *déficit* dos capítulos económico ou orçamental pelas mais valias de um outro capítulo é um país em posição falsa certamente delicada e talvez perigosa.

A política financeira do império realizada com denodo e são critério conduziu ao equilíbrio dos orçamentos coloniais de 31-32, 32-33 e finalmente a sua consolidação com o orçamento de 33-34.

Operou-se desta maneira a reconstituïção da ordem financeira geral; ultimando-se assim a liquidação do passado.

A doutrina de que o equilíbrio e a prosperidade, corolário do equilíbrio deve provir de cada colónia em particular, quere dizer que é imprescindível que cada uma das unidades que compõem o nosso império encontre em si própria os meios dinâmicos da sua actividade e da sua valorização verificou-se absolutamente certa, e têm na prática dado os melhores resultados. Esta preposição parece-nos de singular importância numa época como a presente em que as matérias primas sofrem de uma grave depreciação, mesmo aquelas que não se encontram senão nas colónias.

Outra conclusão agradável a que podemos chegar é a de que o nosso império cuja estructura é principalmente de essência agrícola — a indústria ainda está num estado embrionário — chegou a um grau de desenvolvimento que muitos paises novos poderiam invejar-lhe.

Esta verificação reconfortante que quem quer pôde fazer através de documentação estatística enviada à Exposição do Pôrto revelou-nos entre outras coisas a técnica e os progressos das nossas instalações culturais e mesmo industriais, que atestam duma maneira evidente a vitalidade do nosso império ao mesmo tempo que fazem o espanto do visitante estrangeiro. O desenvolvimento prodigioso que se verificou em tôdas as nossas colónias mau grado a crise, a acentuação para lá dar previsões mais ousadas e optimistas do ritmo da prosperidade, o aumento do poder de compra, reconhecido mesmo pelos estrangeiros, fazem ou devem fazer o orgulho português.

Estes progressos reveladores, é claro, de uma capacidade particular, — qualidade assaz celebrada da nossa raça — são devidos sem dúvida à energia e à inteligência de todos os colonos portugueses e nomeadamente aos esforços dos comerciantes e homens de negócios que asseguraram à produção ultramarina uma saída satisfatória.

Semelhante impulso de energia criadora foi, é claro, admiràvelmente secundada pelo govêrno metropolitano que procurou legislando de maneira adequada fazer a aproximação comercial das colónias com a metrópole e daquelas entre si. Finalmente as leis que se referem às transferências de Angola, Moçambique e Timor procuram resolver o problema.

A realização de idea imperial pela carta orgânica do Império e a reforma administrativa Ultramarina que o colonialista belga Gelders classificou de monumental construção de direito, público e administrativo teve finalmente em 1934 a sua magnífica consagração. Muitos outros factos poderia nomear significativos do bom senso e de sã política que no último ano tiveram lugar.

Apenas desejamos referir a aasinatura da convenção Luso-Transvaliana de que resultaram importantes vantagens para a colónia de Moçambique e para o País, e a criação dessa esplêndida revista de propaganda de Arte e literatura colonial «O Mundo Português» que agora faz um ano de existência.

Muitas outras manifestações da intensa actividade levadas a cabo no último ano pelo Ministério das Colónias se poderiam ainda mencionar. O relato que fizemos basta porém para elucidar o metropolitano em geral tão alheado do que passa no campo de actividade colonial, que mal deu fé da enorme tarefa já realizada e nem suspeita sequer do trabalho que se tem despendido ùltimamente, para poder fazer um pouco de justiça...

F. ALVES DE AZEVEDO

ANTOLOGIA COLONIAL

"ANTONINHA"

Do livro «AREIAS DE PORTUGAL» de HIPÓLITO RAPOSO - Lisboa, 1934

Para tôdas as almas, triste sempre será a história de Antoninha.

Eu vo-la conto, se a quiserdes saber e ouvir quiserdes, sem enfado.

Narrou-ma em confidência a voz amarga do Dr. Luís da Cunha, quando a nossa intimidade se enlaçou pelos corredores do hospital aonde ambos nos acolheramos: êle envenenado por mordedura de cobra, no descanso de uma noite de caça, eu, abatido e quási morto com febres malignas. (Êste dr. Luís da Cunha, delegado numa comarca do interior de Angola, precisam já de sabê-lo; foi o último português que amou deveras Antoninha).

Longos eram os nossos dias, e o sossêgo das noites dava favor às mais íntimas e inesperadas expansões, tantas vezes remédios milagrosos para doenças de alma que confundem médicos e desacreditam boticas.

Depois que tivemos alta e Luís da Cunha foi levado na rota batida de uma transferência para o Oriente, tôda Luanda me confirmou o drama dessa doce rapariga. A sua existência teria nesta Costa de África a crueldade inexplicável de um suplício de Danaide, sem desobediência nem delito, perpètuamente condenada a encher a sua urna de esperanças com mentiras e desenganos.

Para Antoninha, embarcada aos cinco anos no Cais da Areia, Portugal ficou sendo um dia luminoso e brando, muita gente na muralha, a dizer adeus com lenços a outra triste gente que se despedia e partia...

Entre pai e mãe, ao lado de uma irmã mais velha, de nome Clotilde, Antoninha foi trazida à Intendência de Cabinda aonde Feliciano Ribeiro vinha servir como oficial da Fazenda Pública na Direcção das Alfândegas.

Com seus méritos de bem escrever cartas, fazer escritas por partidas dobradas e aprontar balanços a negociantes do termo, às vezes tão ricos de cabedais como escassos de letras, pôde o pai de Antoninha angariar proventos novos para melhoria do seu estado que lhe permitiam vestir D. Urbana e as filhas com arrogante luxo e comerem todos do bom e do melhor.

A vida corria-lhes afável e doce.

Eram baratos, os serviçais moleques adestrados em todo o género de trabalho caseiro, desde a cosinha a engomar roupa; muito em conta lhe forneciam a carne de galinha do mato, e melhor providas eram ainda da do talho do açougue onde o cortador lhes guardava o melhor bocado, a trôco de favores fiscais e corruptelas alfandegárias ao mulato marchante.

Á sombra dêste signo de abundância, as duas meninas Ribeiros foram crescendo no gôzo e proveito da estima de tôda a vila e cercanias, sempre notadas por sua jovialidade e frescura. D. Urbana, mulher massiça, desenganada e bem falante, fôra namorada no casual encontro de uma tarde de toiros, em Algés, entre tipoias guisalhantes, que balançavam, a trasbordar.

Apetecida geralmente por sua maturação branca e viçosa, a maledicência era solícita em notar-lhe a resoluta aversão à virtude da fidelidade conjugal, contando-lhe as preferências pelo curso dos anos.

Esta generosidade concorria para que a família Ribeiro fôsse um elemento necessário e muito apreciado, para manter o equilíbrio social em tôda a vila.

Por êste modo, a infância de Antoninha, se lhe tirarmos o castigo comum dos calores requeimantes da zona, embora vivesse, por insigne privilégio, em casa de pedra e cal, podemos acreditá-la por feliz e macia, muito propensa a sonhos róseos e secretas ambições de subir.

Na entrada dos nove anos, foi entregue solenemente aos cuidados das Irmãs da missão, para lhe ensinarem a ler e escrever, segundo a exigência materna, *com o maior apuro e distinção.*

— Do resto me encarrego eu — rematava D. Urbana para a superiora, quando a foi levar. Vestir-se, arranjar-se, viver em sociedade, melhor pode saber a mãe do que uma freira, explicava ela, obrigada de sua criação liberal ao meio termo de aceitar das Irmãs o ensino útil, mas a tolher as demasias de fervor religioso.

Por sua inteligência e aplicada vontade, a educanda foi vencendo os estudos

amáveis do colégio, avantajando-se em dois anos a Clotilde, sua irmã mais velha, já distraída do sentido e mui febril de calores amatórios.

O seu maior desejo era agora aprender música, falar francês, poder vir a ser em África e em Portugal, uma senhora bem dotada, capaz de entrar em triunfo pelas portas mais estreitas do mundo elegante.

Em *sœur* Micheline que se lhe afeiçoara docemente no meio das mestiças da missão, encontrou a pequena Maria Antónia a bondade e disposição requeridas para êsse curso de favor, pensando a freira que tais lavores e prendas não sobejariam a quem tivesse de ganhar a vida no meio das ciladas de África e do mundo.

Com a permanência no emprêgo e o acréscimo dos proventos, a abundância dos Ribeiros trasbordava e retumbava em jantares e passeatas de recreio, em terra e mar.

De dentro das janelas, ao rés-do-hão, difundia-se na rua o rumor daquela fartura arrogante, quási hóstil para os que iam passando.

Feliciano não cabia nos fatos, o linho branco esticava por tôdas as juntas; D. Urbana dormia largas sestas, tomava refrescos e ampliava-se em ondas de carne que eram a tentação para afogar em pecado o ditoso Contreiras, do Banco Ultramarino.

As mãos linfáticas de Antoninha, começando por bater escalas no piano, em meses lhe revelaram a capacidade de acordar canções, ora religiosas, ora discretamente sonhadoras, do que muito se contentava a Irmã Micheline, sob o pálio branco do seu chapéu.

Passados anos, bem vividos na harmonia e prosperidade, Feliciano Ribeiro inesperadamente morreu, após uma ceia a deshoras, num leito que não era o conjugal, em braços que uão eram os de D. Urbana.

Desde êsse momento, os favores da fortuna contiveram-se ou rumo novo levaram, pelas fatais incertezas da roda que para todos anda e desanda.

D. Urbana via-se destronada do seu prestígio em tôda a vila, desde o cais da alfândega, no pôrto, até à repartição de fazenda. Já não vinham à porta os negociantes, curvados como vassalos, a dar-lhe os bons dias, a preguntar-lhe de saúde. Ás vezes, atè os chascos da má-língua lhe sibilavam às orelhas. E não ousava voltar a cabeça.

A viuvez retraía-lhe a prosápia, obrigando-se amargamente tôdas três a aceitar por mediania, os restos de roupa e mesa dos tempos felizes.

Antoninha ia e voltava da missão, mais distante com seu vestido preto e mais pálida do que dantes era.

Para estímulo de aplicação, compreendia bem a necessidade nova de contar mais consigo, no desamparo que as ia cercando.

Clotilde, de-veras inquieta com a adversidade que já lhe não permitia luxos de encomendas para a Europa, embarcou uma tarde num navio mercante para o Congo Belga, sem se despedir, por fascinação impetuosa do comissário de bordo.

Foi então que D. Urbana Ribeiro, entristecida e despeitada, decidiu transferir para Luanda o seu lar devastado.

Terra grande, com outros recursos, onde a filha podia dar lições, empregar-se num escritório, também a ela não faltariam trabalhos de corte e bordados que para tudo se julgava nascida com boas mãos.

Recebidos os últimos conselhos das suas mestras, entre lágrimas da mãi e da Irmã Micheline, desta recebeu uma medalha benta com o pedido de que a trouxesse sempre consigo, por lembrança do seu bem-querer.

*

* *

Com sua mãi, veio Maria Antónia morar para a cidade baixa, numa casa pobre, voltada para a baía, de onde pôde ver flutuar diàriamente, por êsses anos da sua adolescência, mil flâmulas alegres sôbre as mastreações de vapores, fragatas, cruzadores ou palhabotes.

Sempre que uma chaminé passava o Morro das Lagostas, Antoninha alvoroçava-se, e sonhava acordada, como se do próprio fumo pudesse florescer a esperança.

Por inspiração maligna de um moço advogado que mantinha convívio com as musas, disparando perfís elegantes em sonetos anónimos, na *Voz da Província*, Maria Antónia começou a ser chamada pelos mais próximos, gentilmente e fatìdicamente, a *Ribeirinha*. O miradoiro da distância a que sempre assomam os corações com asas, era uma destas varandas de madeira de África, coberta a bordão de bambú, de onde pendiam cestos com avencas e viçosos fetos, e em cujas grades também se enlaçavam martírios, flôr heráldica da sua ansiedade pertinaz e longa.

Manjericos, sécias e blandinas, como em alegretes brancos de província, vicejavam contentes, e estremunhadamente floresciam em Dezembro e Janeiro, germinados de sementes escolhidas que no Outono sempre lhe mandava de Alcobaça a prima Maria do Carmo que nunca tinha visto.

Naquela varanda, fazia-se uma cultura de saüdades que se alimentavam constantemente de perfumes europeus, à vista da faina do pôrto, com navios que chegavam e partiam, trazendo ou levando gente, mas deixando-a ficar sempre a ela, na margem do tempo indefinido.

A sua inadaptação à terra de África prolongava-se nas perspectivas de um drama íntimo e dilacerante de que não podia queixar-se em voz alta. A ocupação diária de ensinar mulatas a ler, bordar e tocar piano, convertera-se-lhe numa penitência silenciosa e dura que a humilhava aos próprios olhos.

A pouco subiam os ganhos de tal canseira, o passadio escasso tinha de ser,

agora que já mal havia lembrança de umas jóias vendidas em extrema necessidade para o pobre enxoval da irmã Clotilde que sempre chegou a casar com um complacente americano das minas da Lunda.

Quando soava anúncio da entrada de vapor, com o binóculo procurava logo distinguir a flâmula sinaleira do correio, como se entre tantas cartas frias, mais dolorosas do que o esquecimento, alguma lhe trouxesse o aviso da ventura, a chamar de longe por ela.

Os que chegavam, podiam partir, mas voltavam com certeza, rendidos ao encanto feiticeiro dos céus dos Trópicos. Neste comum destino de tantos portugueses, homens, mulheres e crianças, só ela ficava — ela só em tôda a costa de África permanecia, a cumprir dura pena em perfeita inocência. E nos seus impulsos amargos, comparava-se aos degredados da Fortaleza, mas êsses ali estavam à voz da justiça e com prazo certo.

Se era de navio de guerra o fumo, ainda na distância do mar alto, a novidade era-lhe transmitida fielmente pelo Faustino Rodrigues, o Faustino da telegrafia sem fios, e Antoninha arrastava para a ponta da varanda a cadeira de verga, o binóculo e a frioleira em que muitas malhas se esqueciam, enquanto as mulatinhas se indisciplinavam na saleta.

Dos oficiais que vinham, bem sabia ela os nomes, estados e qualidades, por conversas ouvidas, por opiniões discutidas ou pelo testemunho benévolo do capitão do pôrto.

Havendo depois chá no clube ou festa a bordo, Antoninha Ribeiro, discreta na sua pobreza, ia sempre, convidada não se sabia por quem, como se em tôdas as reuniões em que se recordasse Portugal ausente, lhe conferisse privilégio perpétuo a sua interminável ausência.

Quando um desastre de aviação avivava mais em sangue a cruz de Cristo, a comoção de Antoninha deixava caír lágrimas silenciosas sôbre a prosa asmática do jornalista e sôbre as gravuras dos despojos e do cadáver, com a dor verdadeira de quem visse morto o próprio noivo.

No coração de Antoninha batia em glórias e desditas o coração de Portugal, pela amplitude das terras e dos mares que ainda agora obedecem a Lisboa.

Um dia, os seus dezóito anos cativaram por feiticeira gentileza, os olhos de um rapaz que andara no duro comércio do mato, com ajuda e favor da fortuna, e que pretendia estabelecer-se no Dondo.

Querendo ali fixar-se em lícito casamento, mas sem vagar para ir procurar procurar mulher à Metrópole, viu Antoninha num domingo de tarde, de passeio, a caminho da Ilha.

Rastejou-a pertinazmente, escreveu-lhe no dia seguinte, falou-lhe sem dificuldade, e assim entraram de namorar a sério, com aprovação expressa de D. Urbana.

Mas a inveja interpôs-se na pessoa do antigo patrão que em tempos despedira da loja, com desprêzo, aquele serviçal, e agora já lhe facultava uma donzeleta clorótica, mal chegada de um colégio de Aveiro.

Sócio futuro do sogro nas importâncias e na firma, não teve que ser rude a batalha dos escrúpulos, com respeito a Antoninha. A um vão pretexto, foram as cartas trocadas, restituídas as lembranças, mas guardou com malícia os beijos para dizer deles, covardemente, a quem lhe aprouve.

Passado êste revés sôbre o qual Antoninha chorou, às ocultas da própria mãi que de perto lhe vigiava as mal dormidas noites, outra esperança de novo se enleava, ora franca, ora indecisa, na alta coluna de sonho a que se amparava.

E pelo andar do tempo, contraiu a virtude saüdável de curar uma ilusão com outra maior, entrando assim na estrada real da vida humana.

Aqui em Luanda, onde as coisas e os homens se perdem e reaparecem em tumulto incessante, grangeava importância e prestígio a Antoninha e à mãi, a simples e firme certeza da sua permanência. Por essa segurança, constantemente as encarregavam de mandar notícias, de receber encomendas, de guardar papéis de estima, numa função graciosa e zelosa de entreposto de afectos e sociabilidade.

Antoninha ouvia, consultava-se, como se tivesse desembarcado, ainda fresca, vinda de Alcobaça, ou dos concertos e teatros de Lisboa, pois que, pelo tino do coração, ela sabia tudo, de todos tinha e podia dar notícia, para cada momento ditava a norma e o tom. Nela e por ela se conhecia a superstição para cada impulso ou acto, o provérbio de aplicação justa e certeira, a mèzinha para qualquer doença. Por seu amor e saüdade de Portugal, aquela dôce mocidade admiràvelmente acumulara provas, razões, estímulos, palavras de quem por longa experiência dos anos aprendido tivesse a viver.

Era êste sentimento de Antoninha uma saüdade viva, diremos morena de alma pelo ardor, branca e loira na graça do seu corpo delicado e vitralino.

Pela Semana Santa, ao lado da mãi, que ainda se mantinha no crédito de afamada pecadora, Antoninha era a única presença de senhora portuguesa devota, com o seu vestido preto, enfeitado a rendas de linho, e pelo qual se estabelecia o acorde perfeito do seu ar compungido com o ritmo fúnebre da liturgia, nas solenidades da Sé Catedral.

Um dia declara-se a guerra indígena no Amboim, cerca-se Gabela, chegam ameaças a Novo Redondo. No terror geral que trespassava a cidade, Antoninha mantinha-se serena, confiando por cima da incapacidade do govêrno da Província, no valor antigo das nossas armas. E tomando por aliados secretos os poderes do céu, com o fervor mais cândido da sua alma, foi entregar a um mestre de palhabote que ia subir o Cuanza, duas velas de cêra para o vetusto altar de Nossa Senhora da Muxima.

Depois, nesta e outras guerras de submissão, a melhor capela de louros para os combatentes, eram sempre as mãos brancas e macias de Antoninha, agitando-se em palmas nas sessões gratulatórias ou acariciando a cabeça do herói na intimidade da sua casa, por transporte invencível de ternura.

Muitos a quem as febres crestavam o viço da mocidade, na volta do mato à rua Salvador Correia, com os olhos vítreos, amarelados de tez e consumidos do morbo, sentiram os dedos desta suave rapariga passar-lhes pelas faces murchas, em dias de hospital ou incerta convalescença, castamente, como se para todos fôsse a irmã consoladora.

No primeiro retempêro e frescura do cacimbo, chegavam as celebrações dos Santos de Junho que nestas paragens parecem viver num céu mais distante, etéreo miradoiro de onde, com certeza, não se avista a terra de África.

Enquanto Portugal inteiro se perfuma de cravos e nos corações lavram incêndios, por milagre de Antoninha sentia-se que Portugal também estava aqui em África, por transposição subtil do mesmo perfume de flôres de alegrete, no poder mágico das ervas do orvalho da meia noite, na virtude reflorescente das alcachofras queimadas.

Nela se admirava e amava em todos os aspectos, a corporização desterrada e saüdosa da alma portuguesa, neste seu poder de esperança, de sofrimento e carinhosa benignidade.

Cansada embora por tantos caprichos da má-sina, apenas a ventura se lhe amostrava na promessa de outros olhos leais que pareciam perder-se nela, logo sacudia com uma cambraia as borboletas que se estrelavam à noite pelas paredes ou sôbre as quindas, armas e marfins que do interior da Província lhe foram trazendo por lembrança.

Na sua saleta, tôda festiva e fôfa de almofadas, ao jeito da comodidade preguiçosa de quantos a freqüentavam, havia objectos que eram trofeus de caça e de lutas humanas, dentes e peles de fera e serpente que foram comprados por pouco menos do preço das vidas.

Mas daqueles insectos, grandes às vezes como fôlhas de figueira do inferno, temia-se ela como de mensageiros do demónio. Lutando contra a adversidade, com tôdas as fôrças da alma e do corpo, acautelava-se das borboletas com a mais inquietante superstição: sacudia-as com veemência e crueldade, matava-as com a volúpia de um caçador de cobras que dilacerasse em carnagem, por última vingança, o corpo ainda quente de uma presa difícil.

E êste era o único impulso mau que se lhe conhecia e que muita razão tinha para ser perdoado.

Os seus namorados contavam-se bem pelo turno das estações, dispondo-se crèdulamente a amar e a esperar de muitos, quem sabia não ser em verdade esperada por nenhum deles.

Mas de quantos partiam já noivos e ainda ousavam mentir-lhe, às vezes já confundidos pelo seu sorriso de amarga experiência, não reservou ela rancor, e freqüentemente os justificava e absolvia.

Começava e recomeçava enxovais, para fortalecer a esperança que traiçoeiramente lhe clareava. Depois, traída ou preterida de novo, rompia-os no uso diário, à espera de razão mais sólida e concreta para começar outro que pudesse ser o definitivo...

*

* *

De muito cêdo, a calúnia de África, menos discreta e mais requeimante do que a vulgar calúnia, procurou enfoscar torpemente a alma branca de Antoninha.

Desde os primeiros esplendores da nubilidade, a vileza dos homens revelava-lhe pelos cafés as linhas íntimas do corpo, de sorte que, vendo-a passar, qualquer guloso abusivamente acreditaria vê-lo já por transparência.

Por certo, muitos o desejavam e cuidavam de gozá-lo, mas, até ali, a todos êles cautamente se fôra escusando em domínio, por detrás de uma renda, de um estôfo, de um reposteiro de chita clara, à sombra de um preconceito louvável e até da virtude verdadeira.

Nesta comunidade voraz de desejos que a circundavam e lhe floresciam a carne de rosas vermelhas, Antoninha era de quási todos os brancos do seu convívio, em meiguice e doces liberalidades, passivamente, mas a nenhum se entregava em posse e delírio, defendendo com tenaz escrúpulo, o seu mais íntimo tesoiro.

Os mais audazes e menos fiéis à lei moral, continham-se no limite do respeito que, mesmo em África, infunde a todo o homem civilizado a fraqueza de uma rapariga pobre e sem amparo.

D. Urbana, madura de anos e experiência, bem sabida nas artes e enleios do pecado, perdia-se, por tática, para além dos bastidores da sua casa.

Viam-lhe às vezes a sombra, mas jámais sombra de virtude...

Cartas que vinham chegando de Portugal, traziam, por mais de metade, saüdades longas para Antoninha.

Eram dos que à Metrópole regressavam, batidos aos primeiros recontros adversos, e que por lá topavam com as agrestes e miserandas desilusões da vida. De êsses contactos duros lhes brotavam, simultâneamente, o arrependimento de ter ido e a obsessão imperiosa de para cá voltar.

Entre tôdas as más-novas levadas a Lisboa, mudanças, surprêsas, crimes e depravações, uma certeza vivia neles: Antoninha continuava ainda e sempre no seu pôsto, para os acolher, já perdoados, no dia da chegada, para lhes dar uma flôr, os festejar e admirar, quási para os beijar nas faces, à vista do povo, no Cais da Alfândega.

Seguiam-se, repetiam-se afeições ardentes, continuava o sol, passava a vida, floriam e murchavam, a pequenos intervalos, as mais frescas rosas de amor.

Para adormentar ressentimentos ou para acudir com remédio a mágoas maiores, vinha em socorro conciliatório a intervenção do acaso.

O luto, a calamidade, uma revolução projectavam em Luanda o abalo do sentimento colectivo? Logo os rostos se alteravam, os prazeres sabiam a amargo e a metade exilada da alma de Portugal unia-se à outra metade, por sôbre a imensidade gemedora do Atlântico.

Muito penteado, a dar estalos com os dedos, vinha dizer-lhe à porta, o visinho ourives Artur Freitas:

— Antoninha, morreu o poeta Bento de Lemos!

— Já sei, já sei! Coitado! Deixa mulher e seis filhos. Disse-mo ontem o Araújo. O Araújo conhecia-o. Era muito dêle.

Antoninha ia reler os versos de Bento de Lemos, e sôbre o lirismo acerbo do poeta morto, chorava também as suas crueis desilusões.

Outro que um dia passava para a praia, chamava-a familiarmente:

— Antoninha!

Ela vinha logo à varanda, aquietando com enfado o desassossêgo das discípulas.

— ...Houve uma inundação horrível nos campos de Coimbra.

— Já sei, já sabia! Uma desgraça! Leram-me o telegrama: morreram trinta pessoas! Se fizerem aí alguma coisa pelos órfãos, contem comigo.

No dia próprio, com o seu vestido claro, discreta e séria, como se fôsse ainda colegial de freiras, Antoninha ia sentar-se ao piano, a favor dos desamparados.

A sua apresentação em público, se afiava a má-língua de muitos, também obrigava outros a reparar nela, a admirá-la pela sua correcção exterior, a gabar-lhe intimamente o ar casto, a modéstia simpática e dôce.

Assim continuava a viver, lágrima para cada lágrima, sorriso para tôdas as dores, no perpétuo sentimento da distância de si, da terra, dos rios e das montanhas de Portugal. Essa corografia sentimental bem a conhecia ela, por ouvir contar louvores saüdosos aos provincianos que aqui longe costumam recordar os encantos das pequenas pátrias, estendendo ao sol de África os farrapos das suas lembranças.

Se nada era mais certo para todos, em verdade, do que a presença de Antoninha em Luanda, nada menos firme e definido para a triste rapariga, do que o afecto de um só, entre tantos que vinham e mostravam querê-la.

Todos a viam, muitos lhe tocavam e passavam adiante, como quem se aproveita em mau caminho, da água de uma fonte múrmura e fiel.

Por distantes paragens do orbe, em Singapura, em Aden, nos mares de Sonda, no Congo, em Goa, pelas duas costas de África, a lembrança da Antoninha de Luanda, purificada nos céus altos de tantos destêrros, enchia de amorável presença

êsses longos vales da Saüdade Portuguesa, difundindo por continentes e oceanos, o perfume de uma alma que desejou e não conseguiu dignamente ser amada, para se tornar espôsa e mãi com decorosa reputação.

Quiz dar-se em corpo e alma a quem só o corpo lhe apetecia; ousou ser condescendente e casta na sua impureza, generosa em semear tentações à porta do seu jardim de delícias; mas na incompreensão agreste das seduções em que lhe ardia o coração, as flôres mais viçosas do seu pudor teriam de ser dispersas e pisadas na lama dos botequins.

*

* *

Um dia, o Adamastor, fundeado entre o ruido de lorchas e tancás, alteava-se com respeito nas águas grossas da baía de Macau, enquanto a velha cidade, entre jardins fragantes, abria aos esplendores da tarde o seu sorriso multicor.

Sob os toldos sujos de embarcações arcaicas, nas cobertas das coracoras, cujas proas visam o mar largo das travessias mercantes, vai rastejando a confusa equipagem de armações e farrapos.

Empastando-se sinistramente contra as arcárias dos armazens do pôrto, o cordame e os três mastros do junco de piratas que todos ali conhecem e toleram no alto comando da senhora Lai Choi San que do velho pai herdara navio e ofício.

Manso e preguiçoso como um transporte de recreio, ali faz estiva na monção do seu destino trágico, sobrevivência de séculos antigos que quizesse eternizar o passado no presente, por sua face pardacenta, imundas cordagens e velas grossas; por tantos aprestos equívocos e indeterminados para navios de hoje.

Na coberta do velho cruzador, em longa confidência para um tenente, o dr. Luís da Cunha, agora juiz da cidade e comarca de Macau, queixava-se dos errorres da vida que levara e dos males depressivos da distância. Pelos confins do mundo e mais ainda da esperança, dois portugueses que se encontram, são cofres de segrêdo que prontamente se abrem, para uma alma aprender a ler a sina de outra alma.

Luís da Cunha ia repetindo no Adamastor, sôbre o mar da China, o romance que me contara, havia três anos, nos corredores do hospital de Luanda.

Os desenganos do casamento com uma judia da Cidade do Cabo, que o trocou ao fim de seis meses, por um cartógrafo da Rodésia, aquela distância que não dava eco à sua queixa, penetravam de comoção a voz com que ia recordando a ternura de Antoninha a quem agora chamava a sua *Rola de África*. Contou episódios vulgares que ali se traduziam em amarguradas lembranças. Recordava finezas, leu períodos de cartas a que, por execrável dureza de alma, já não respondera de Lourenço Marques. Por último, tirou da carteira um saquinho de sêda, e mostrou um anel de cabelo, cintilante e oirado na côr, alegre como um sol de Abril.

O tenente de marinha que a custo fôra suportando aquela revelação acerba, empalideceu de espanto e dôr.

Desabotoou o dólman branco e ostentou trèmulamente outro envoltório de sêda.

Os cabelos mostraram-se iguais, quando ambos os aproximaram, juntando-os nesse confronto mudo. E para aliviar os corações daquela opressão mortal, o vento discretamente dispersou os dois anéis loiros na viração da tarde...

Á mesma hora, a morte vinha visitar Antoninha, ao seu quarto de solteira, aqui em Luanda. Trouxe-lhe uma grinalda branca, um vestido de noiva, a paz e o esquecimento. Antoninha, por um gesto pálido, mandou ainda sacudir as borboletas. Mas elas voltaram com insistência, vindo poisar-lhe em corôa sôbre o travesseiro.

Depois, vencidamente, gèlidamente, aceitou aqueles presentes da morte. Luanda comovia-se. Foi um dia de silêncio nesta velha cidade. Muitas almas se calaram para ouvir o seu remorso, enquanto a dôce Antoninha parecia sorrir na ventura e no perdão definitivos, à benção purificadora que o velho missionário, padre Fabrício, lhe foi deitar na hora da agonia.

H I P O L I T O R A P O S O

A ARTE
DAS COLÓNIAS PORTUGUESAS

POR

DIOGO DE MACEDO

ESCULTOR

O Senhor Dr. José de Figueiredo, ilustre director do Museu de Arte Antiga, numa comunicação que fez há tempos, na Academia Nacional de Belas Artes, revelou-nos as fotografias da caixa em marfim, que hoje reproduzimos, existente no Museu de Viseu. Segundo o douto professor, essa caixa, em cuja tampa se vêem as armas portuguesas, a cruz de Cristo e a legenda *Ave Grasias*, é um hostiário dos fins do século xv, obra luso-africana, oriunda do nosso Congo, e que presumìvelmente fez parte dos presentes enviados pelo rei de ali a D. João II, antes de 1495, o qual por sua vez também presenteou aquele soberano de além-mar, segundo dizem as crónicas, com pinturas de valor, órgãos, etc., e até uma grande cruz de prata, oferecida pelo Papa Inocencio VII ao nosso monarca, com destino à Santa Cruzada.

No cimo dêste hostiário viam-se as imagens da Virgem — à qual o tempo apenas conservou parte do corpo e as mãos — e do Menino, que também apenas possui o braço direito e o corpinho coberto pelas vestes. De cada lado dêste grupo, restam sòmente as partes inferiores de dois anjos ajoelhados, que assentam sôbre trabalhadas ornamentações de gôsto gótico, com folhagens e figurações bizarras, destacando-se dois pelicanos que ladeiam o brazão português e dois leões que seguram a cruz.

Na caixa pròpriamente dita, estão esculturadas em oito edículas, que uma corda manuelina divide, cercando todo o hostiário em paralelo com um conteado, as oito cênas referentes às *Alegrias da Virgem*.

Na fotografia que reproduzimos figuram a *Natividade*, a *Anunciação aos pastores* e a *Adoração dos Reis Magos*. Também ali se evoca a Nossa Senhora da Glória, a cuja devoção os portugueses ergueram a primeira igreja no reino do Congo.

Como se nota na estética geral dêste relicário, não é estranha a influência oriental, ou melhor ainda, indo-portuguesa, tal como no marfim que há tempos publicámos nesta revista, em que figuravam personagens que presumimos serem de vice-reis de além, obra atribuída pelos sábios estrangeiros aos escultores do Benim, e que depois desta comunicação e revelação do Senhor Dr. José de Figueiredo, julgamos com maior acêrto ser de origem congolesa, visto as suas características técnicas e de composição tanto a afastarem dos bronzes e dos marfins

conhecidos do Benim, que no geral definem cenas de lendas indígenas, numa fantasia crua de composiçao, e onde a religião cristã e a epopeia marítima não aparecem. Teremos, pois, de chamar com orgulho essa obra que os estrangeiros guardam, à origem indo-portuguesa que no Congo foi cultivada em homenagem a Portugal.

▲

Completando a colecção das esculturas do Benim, que a Sociedade de Geografia de Lisboa possui e que nesta revista publicámos há tempos, reproduzimos hoje a preciosa escultura de um *Galo,* infelizmente danificada pela sorte, mas que é uma rara peça digna de admiração. De fundição frágil e feita em areia, retocada com perícia a cinzel como quási todos os bronzes de ali, bem merecia ser exposta em lugar que a nobilitasse, sendo fácil soldar-lhe a única perna existente, e que por meio de um simples espigão de apoio se poderá conservar de pé, como primitivamente, assente sôbre um socle adquado, de forma que todo o seu valor plástico pudesse ser admirado como merece. Urge que êste restauro se faça sem perda de tempo, pois fazendo parte estas peças do património artístico nacional, a todos fica mal não as conservar-mos no seu mais apropriado esplendor.

O reino do Benim, de que também damos a reprodução de uma gravura antiga representando uma típica cêna local, merece bem dos portugueses, êste preito saüdoso que atesta as relações passadas das nossas conquistas e das nossas amisades.

A patriótiça Sociedade de Geografia de Lisboa merece ao Estado e a todos os portugueses, os maiores louvores pelo persistente carinho com que tem coleccionado e conservado tantas preciosidades, das quais temos dado muitas reproduções, limitando-nos à escultura africana e agora à oriental, sobretudo à popular e primitiva.

Só as quatro cabeças em bronze, o vaso em zinco, a cobra em ferro batido e êste galo que hoje estampamos, ofertadas por um amigo daquela associação, mereciam uma salinha especial num dos nossos melhores museus. Lá fora, peças como estas, veneram-se como autênticas obras de arte e relíquias históricas, em museus apropriados, e valorizadas em cuidadosa exposição. A China, nas suas melhores épocas, não produziu obra de mais apurado decorativismo e realismo, do que êste galo aqui revelado. Ao Estado, nos parece, competir colaborar com esta simpática agremiação, para que se crie um museu colonial de arte e etnografia, arrecadando tudo quanto possuimos disperso por lugares infelizes, procurando também a colaboração dos coloníais coleccionadores, que ali poderiam guardar as suas recordações vivas.

▲

Possui esta Sociedade de Geografia poucas esculturas de Timor. São minúsculas e pouco valiosas. Talhadas em matérias rebeldes, com carácter de *biblots,* pouco representam a arte daquela colónia. Negras como onix, até a fotografia lhes é refratária. É de lamentar que de eras felizes e passadas, nunca ninguém se lembrasse de trazer para a metrópole, documentação mais digna da escultura timorense.

Da Índia que nos resta, também raras peças ali se encontram. Dir-sehá que os nossos orientalistas passam por aquelas regiões sem interêsse pelas obras de arte, deslumbrados apenas pelos tecidos e pela faiança prática. Em duas vitrinas se topam algumas esculturas pequenas trabalhadas em marfim, madeira e chifres de qualidade, restos de símbolos e lembranças de uso caseiro, mas nada com a magnificência e valor da tradicional estatuária de ali, bela entre as mais belas das mais cultas civilizações.

O pavão em prata, do bico do qual pendem dois espevitadores recurvos e que assenta sôbre uma caixa, assim como as

duas taças pequenas para joias, de lindo gôsto, com a serpente simbólica enroscada no punho o qual se ergue sôbre o lombo dos touros ajoelhados, são obras de mérito restricto.

Em compensação, ostenta a mesma sociedade, uma abundante colecção de esculturas macaenses, na generalidade de feição popular, mas todas notáveis de pitoresco e de colorido. Pena é que muitas destas figuritas se estejam deteriorando com o tempo, pois que modeladas em barro por coser, irremediàvelmente se perderão um dia. Há que as fotografar, pelo menos, peça por peça, para que àmanhã os estudiosos possam consultar êsse arquivo. Os bronzes, as porcelanas, as faianças e as madeiras envernisadas, felizmente que se encontram em perfeito estado de conservação, requerendo apenas lugares e condições de exposição, onde melhor os curiosos e os artistas as possam observar, e porventura se documentarem para os seus estudos.

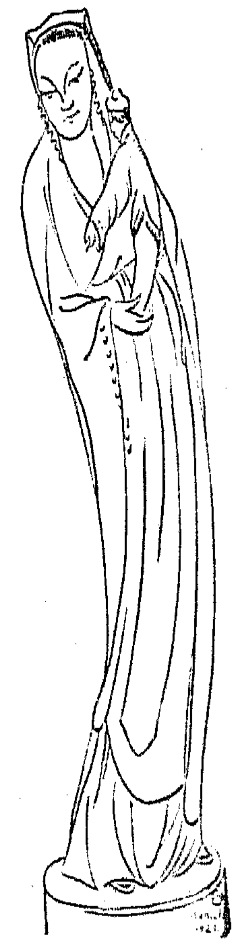
▲

Pelo expôsto, vê-se quanto urge a criação do Museu de Arte Colonial e o envio de missões especiais de estudo e colheita às nossas colónias. Todos os outros paises o fazem periòdicamente, e nós nunca o fizemos. Temos sido saqueados pelos estranhos e dia a dia, vamos perdendo a fortuna que o destino nos legou. Há que prestar alguma atenção a êste problema, e convencermo-nos de que a Arte não é bujiganga de românticos para distracção de quem não tem mais nada que fazer. O papel da Arte na própria política é superior a todas as escaramuças de partidos e às fugazes ostentações dos homens A exposição última, no Pôrto, que foi uma útil parada de energias continentais, pecava, sobretudo, pela ausência de obras de Arte colonial. A galeriazita de escultura africana era uma triste palhota que apenas nos dava a noção exacta de quanto essa arte continua incompreendida. Os próprios bronzes do Benim jaziam por terra, vergonhosamente.

Decididamente a Arte de além-mar ainda não topou em Portugal quem a amasse, para a poder compreender!

Nunca por cá se publicou um livro, um compêndio, um simples folheto de estudo ou de curiosidade, sôbre tantas maravilhas, com que os estrangeiros continuamente editam formosos albuns, cuidadosos catálogos, cultas monografias e até preciosos volumes de erudição, como subsídios para a história geral das civilizações, onde tôda a arte teve importância das mais elevadas.

O «Mundo Português» teve o primeiro gesto. Muitos o louvam, mas ninguém o segue. O album da «Arte Indígena Portuguesa», editado pela Agência Geral das Colónias, foi uma boa acção. E críticos sapientes como o Dr. José de Figueiredo, e professores ilustrados como o Dr. Aarão de Lacerda, souberam dizer do alto das suas cátedras, o quanto esta arte merece o carinho e a admiração de todos os povos cultos. Ainda bem!



ARTE COLONIAL

LEGENDAS

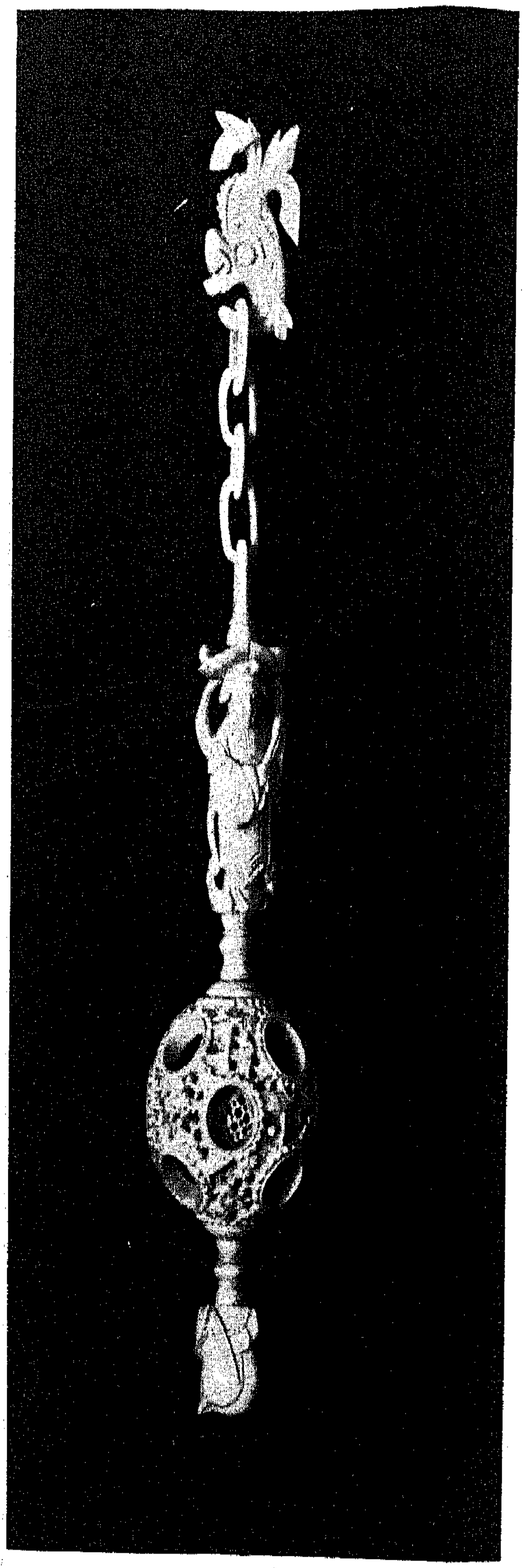
DAS GRAVURAS

1 — Grupo de 21 figuras populares; barro policromo. — Macau
2 — Motivo decorativo para colar; marfim. — »
3 — Vazo em bronze. — »
4 — Figurita em marfim. — »
5 — Caixa decorativa com um gato em marfim. — Timor
6 — Dois indígenas; chifre negro — »
7 — Mãe e filho; chifre negro — »
8 — Reprodução em prata duma cobra capelo — Índia, Gôa
9 — Salva guarda-jóias — » »
10 — Vitêlo em unicórnio — » »
11 — Pavão, caixa de perfumes, em prata e doirados — Índia, Gôa
12 — Ídolo com três figuras; sândalo — » »
13 — «Gavetri», mulher de Brahama; sândalo — » »
14 — Cortejo dum rei de Benim. África. Estampa sec. XVII
15 — Galo em bronze. — Benim, África
16 — Tampa dum hostiário; marfim — Congo Português, África
17 — O mesmo hostiário; marfim — » » »

Fotografias de Mário Novais

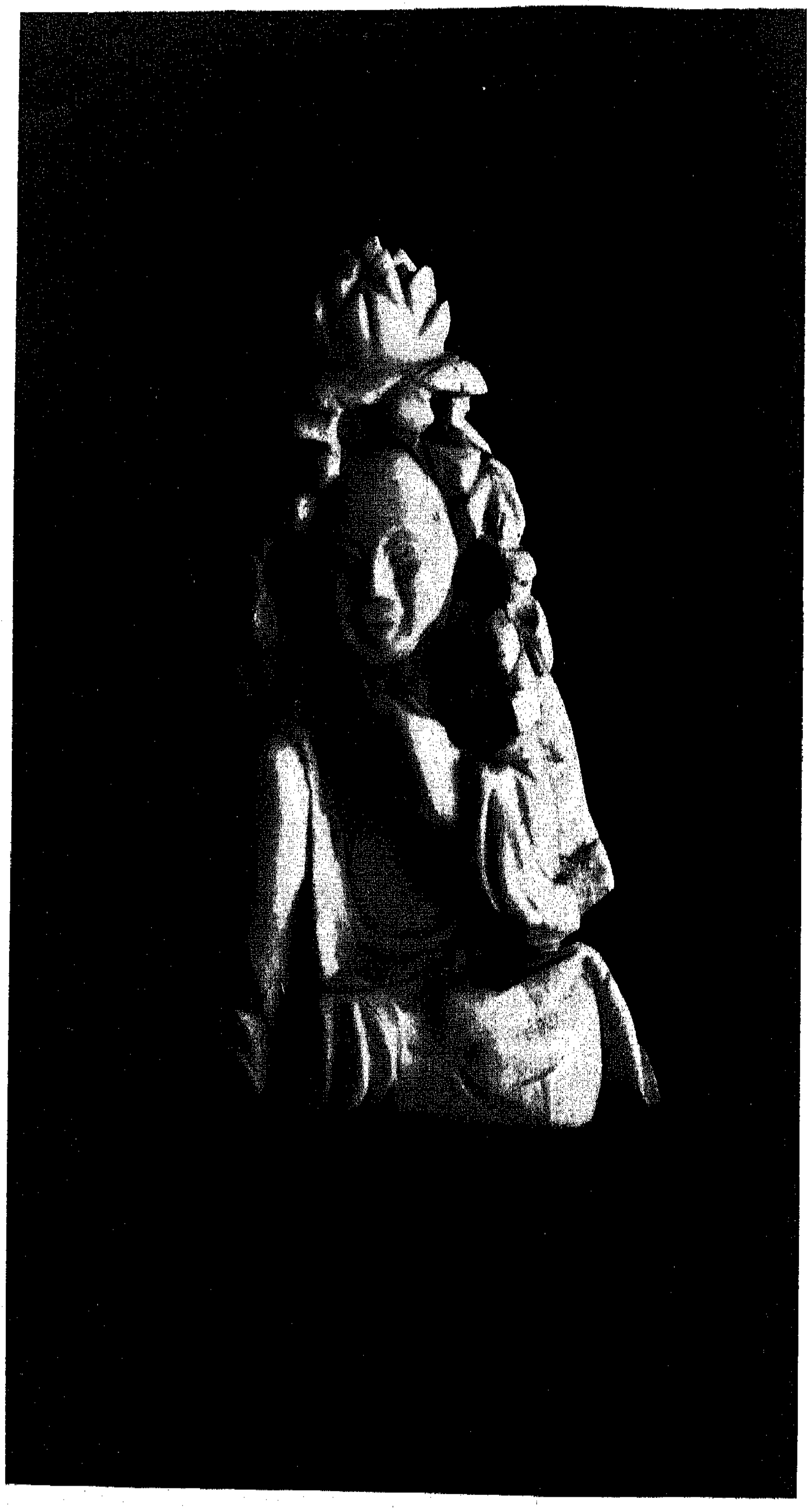
Tôdas estas esculturas pertencem à Sociedade de Geografia, de Lisboa, excepto as numeradas 16 e 17, que pertencem ao Museu Grão Vasco, de Vizeu, e a número 3 que pertence a A. S. M. de M.

1

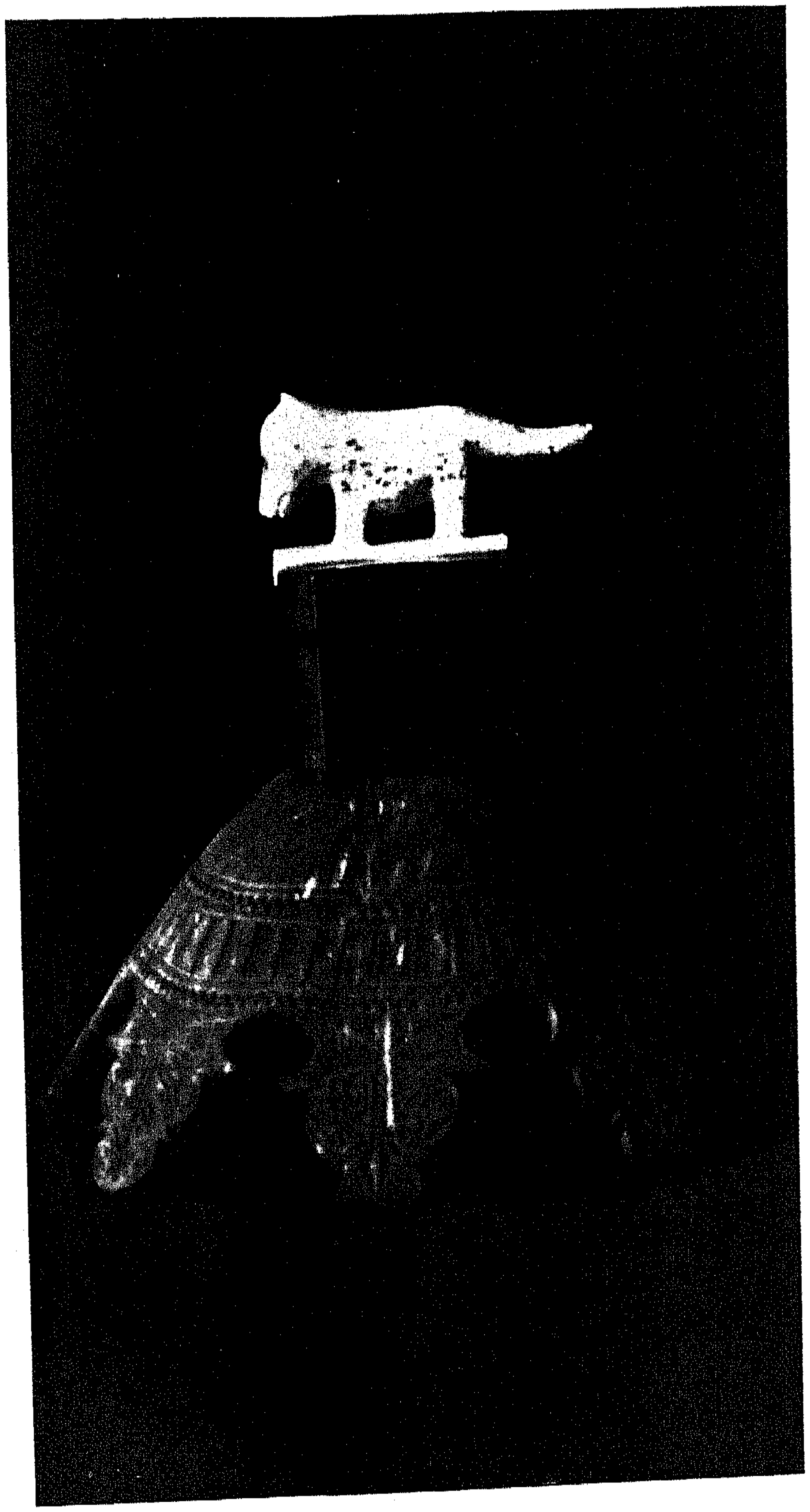


2

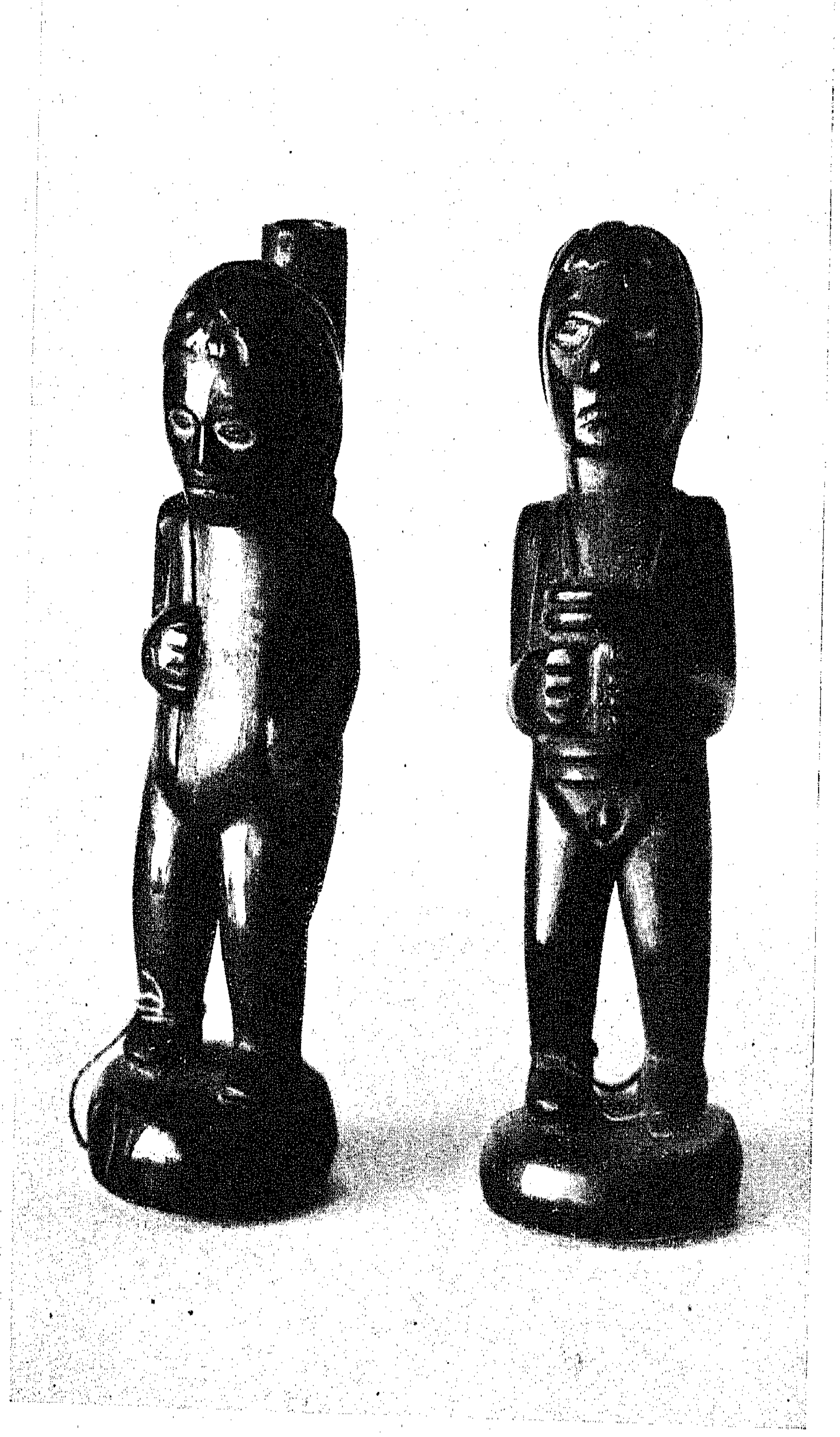
3



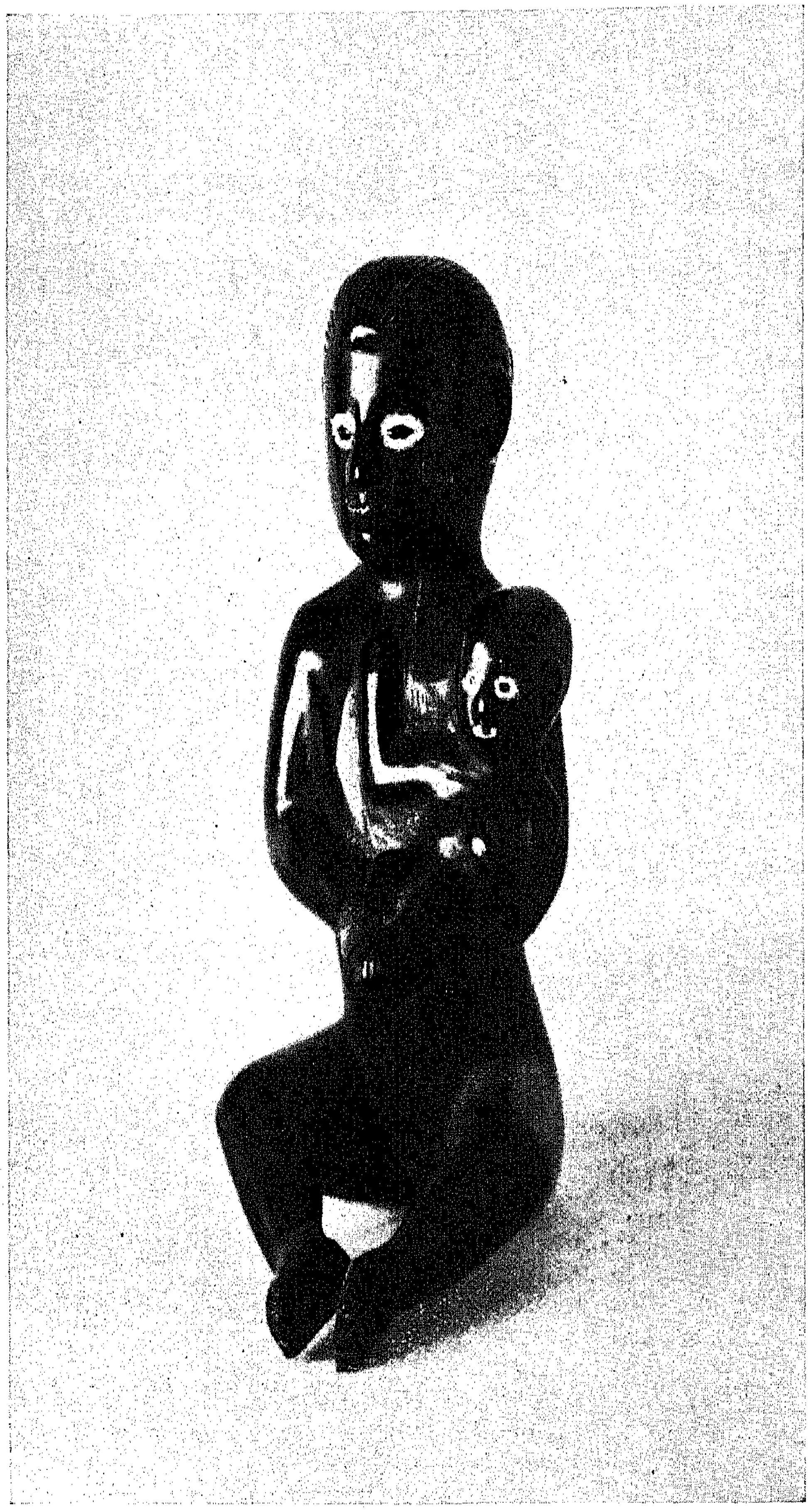
4



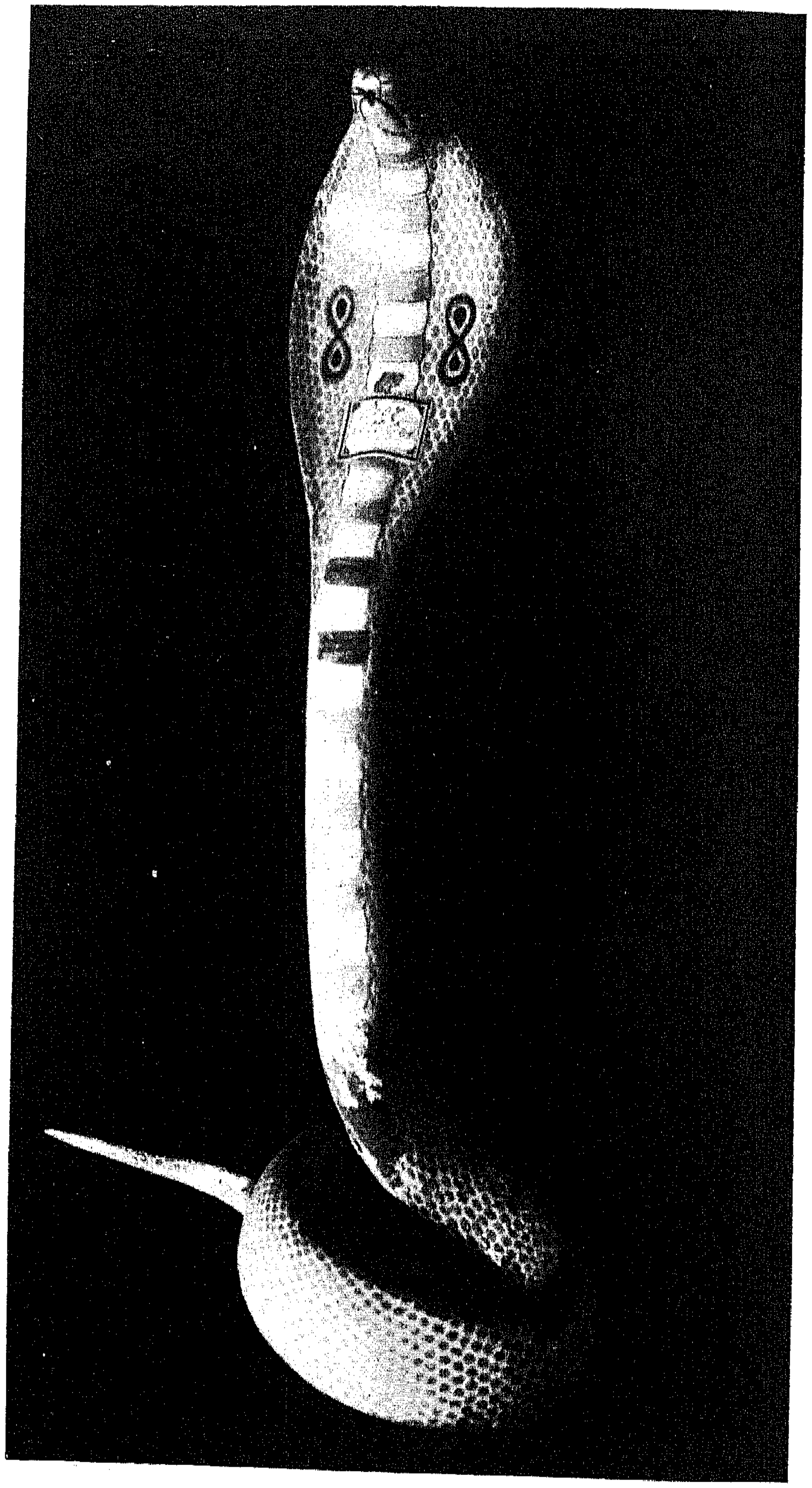
5



6

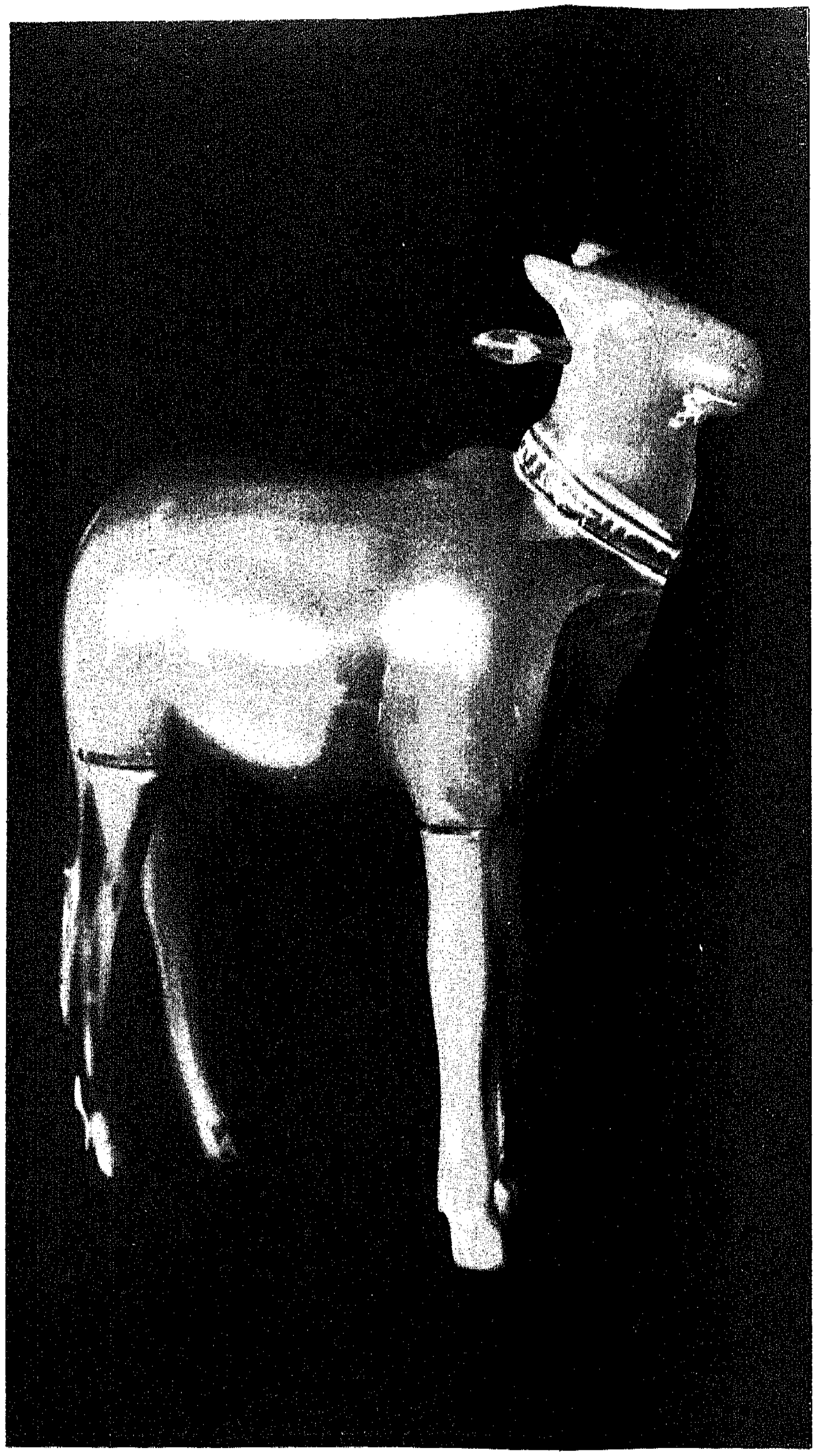


7

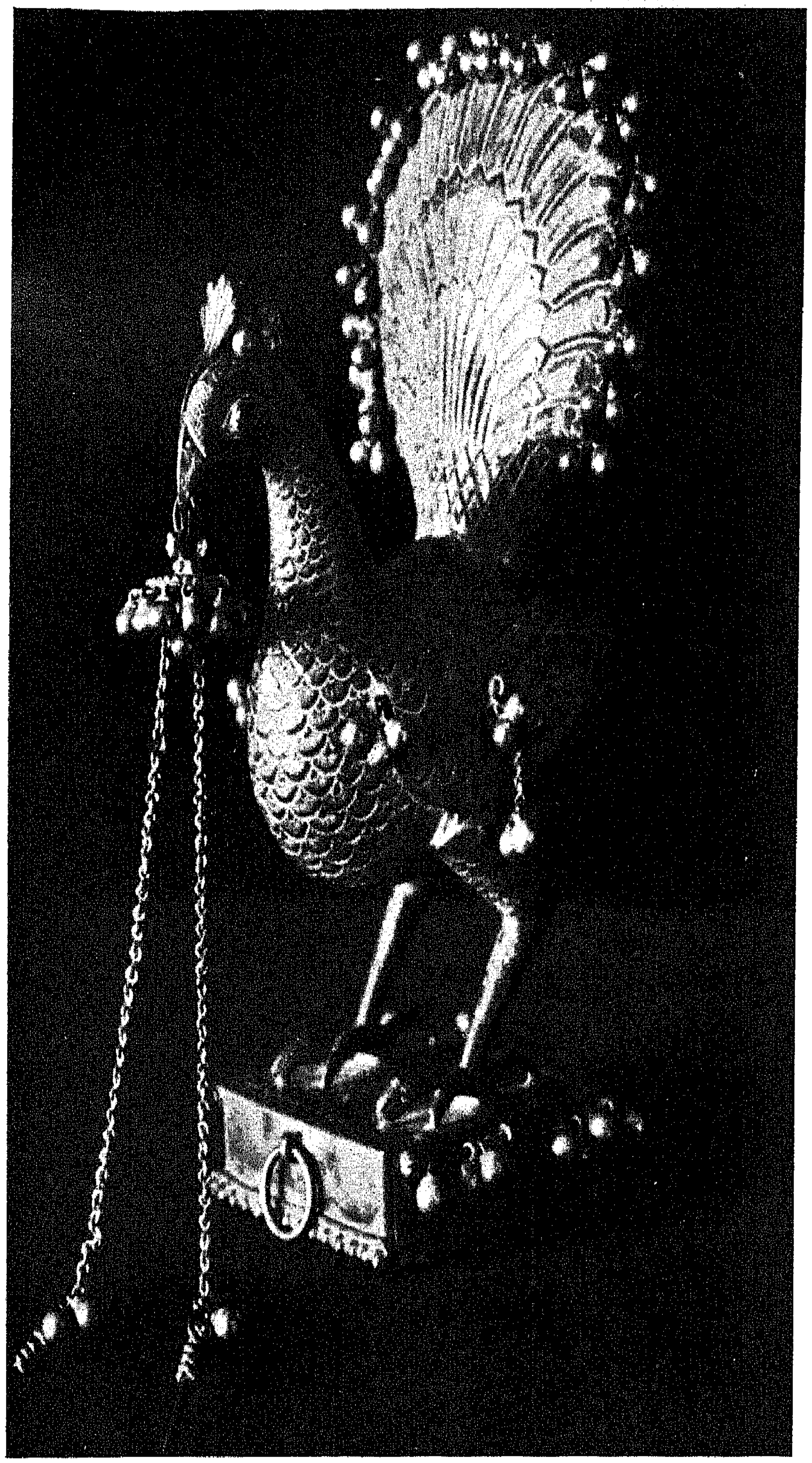


8

9



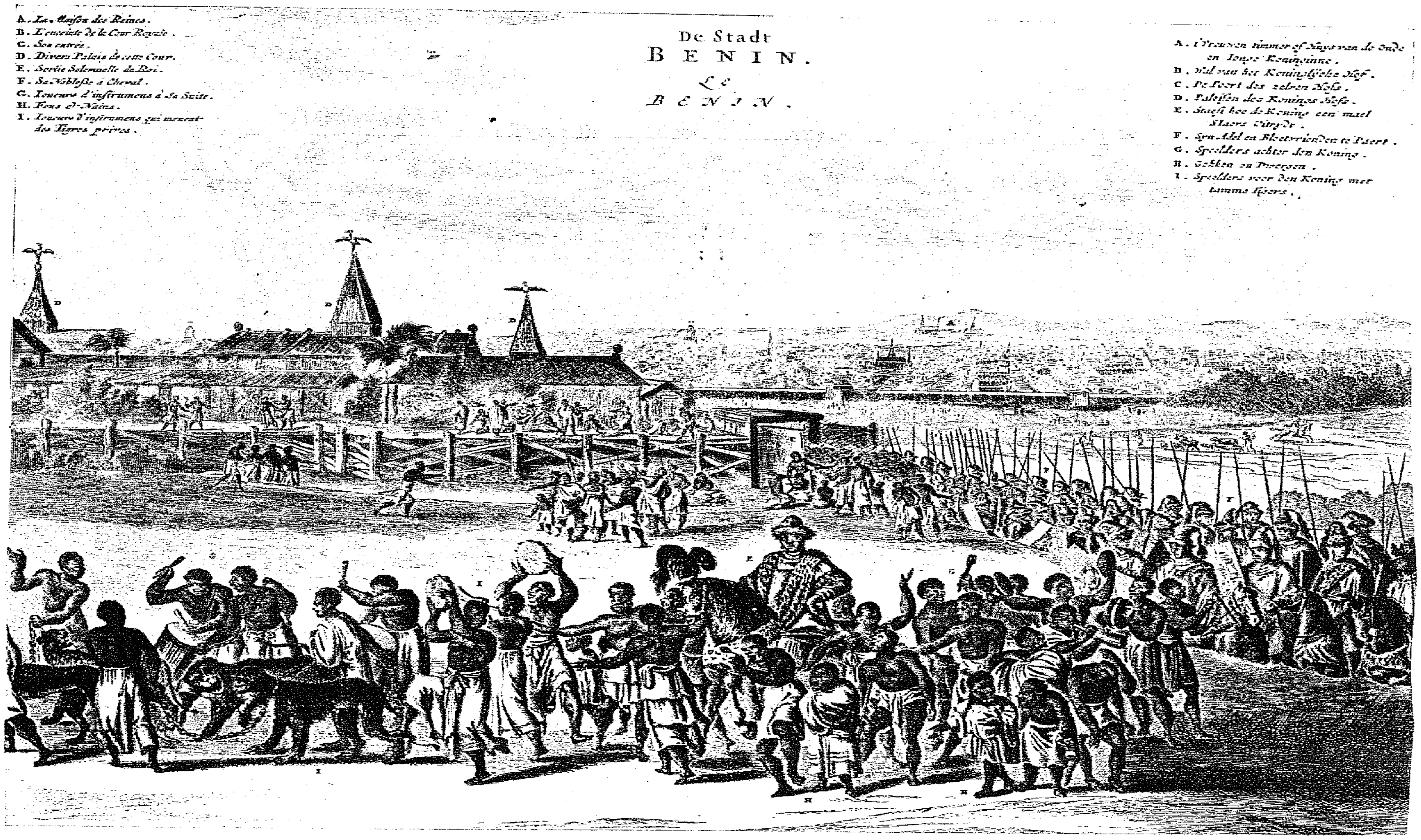
10



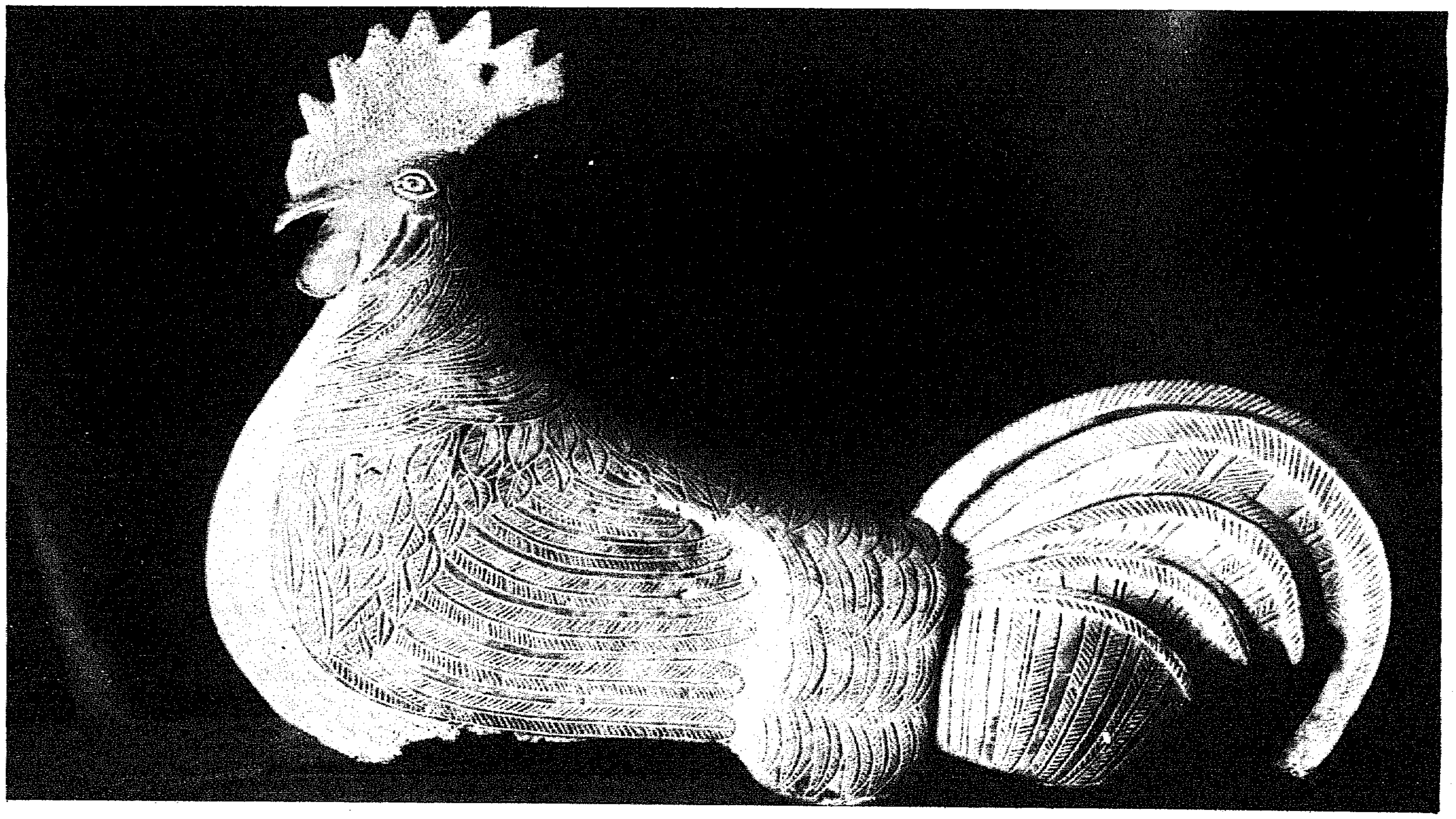
11

12

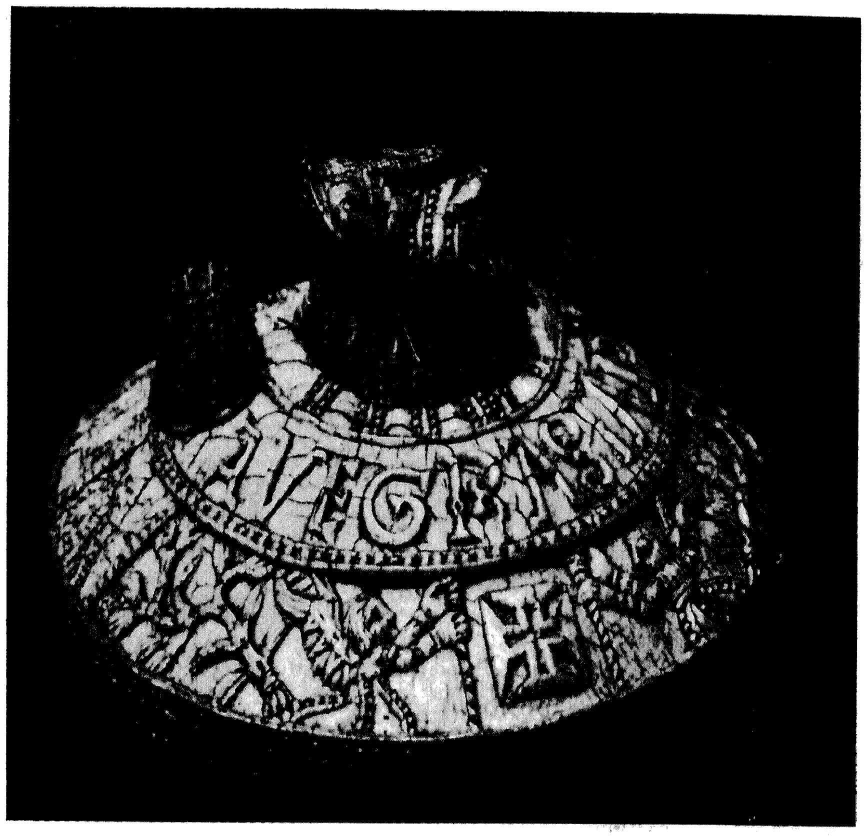
13


De Stadt
BENIN.
Le
BENIN.
A. La Maison des Reines.
B. L'enceinte de la Cour Royale.
C. Son entrée.
D. Divers Palais de cette Cour.
E. Sortie Solemnelle du Roi.
F. Sa Noblesse à Cheval.
G. Joueurs d'instrumens à sa Suite.
H. Fous & Nains.
I. Joueurs d'instrumens qui menent des Tigres privés.
A. 't Vrouwen timmer of Huys van de Oude en Jonge Koninginne.
B. Wal van het Koninglijcke Hof.
C. De Poort des zelven Hofs.
D. Paleysen des Konings Hofs.
E. Staet hoe de Koning eens 's Jaers Uitrydt.
F. Syn Adel en Bloetvrienden te Paert.
G. Speelders achter den Koning.
H. Gekken en Dwergen.
I. Speelders voor den Koning met tamme Tygers.

14



15



16

17

CAMINHO
DE FERRO DE BENGUELA
LOBITO

Ligações da Katanga com a Europa

A mais curta estrada para a Africa Central

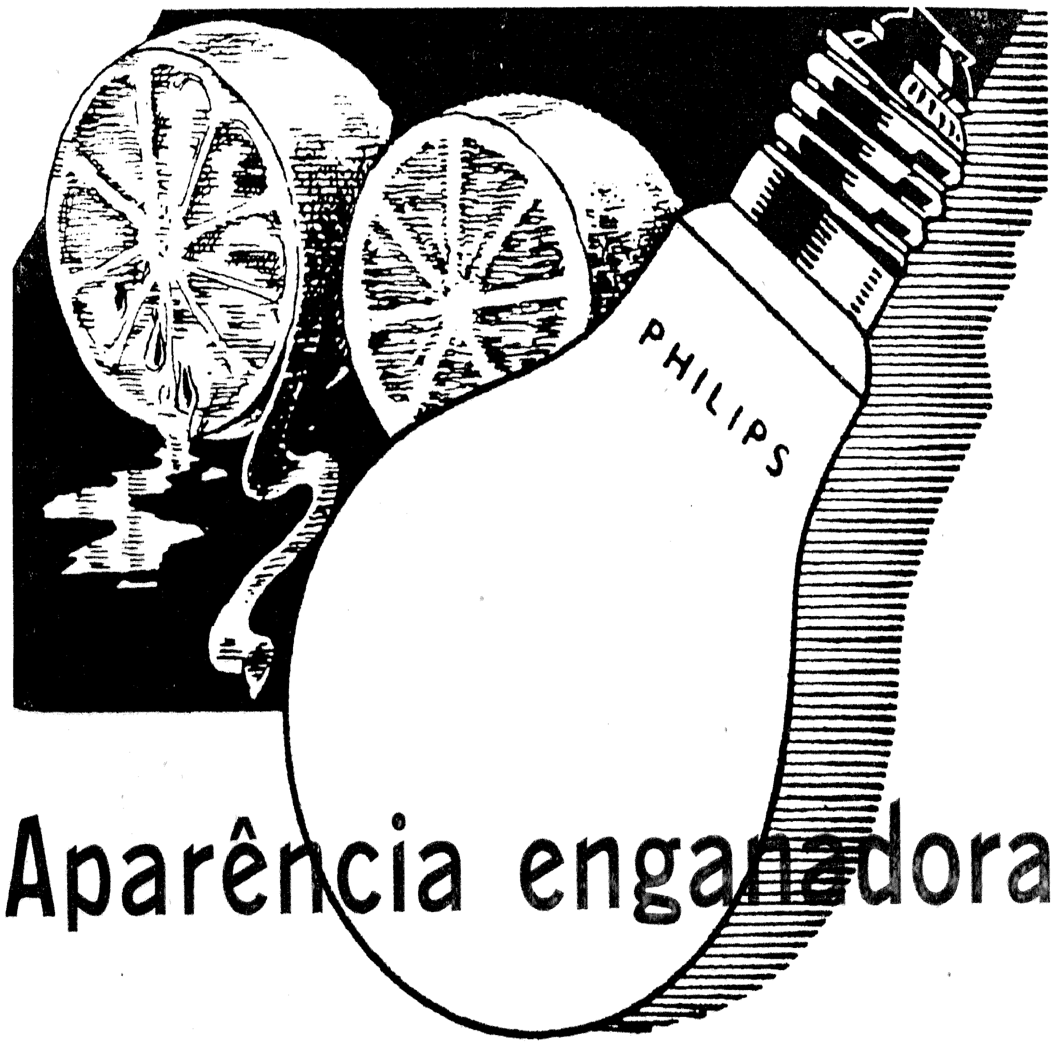
Distância via Lobito comparada com via Beira:

Distância a favor da via Lobito: 578 milhas por terra e 2.955 por mar. Total: 3.553 milhas

Distância via Lobito comparada com via Cape Town:

Distância a favor da via Lobito: 1.269 milhas por terra e 1.450 por mar. Total 2.719 milhas

Séde em Lisboa: Largo do Quintela, 3



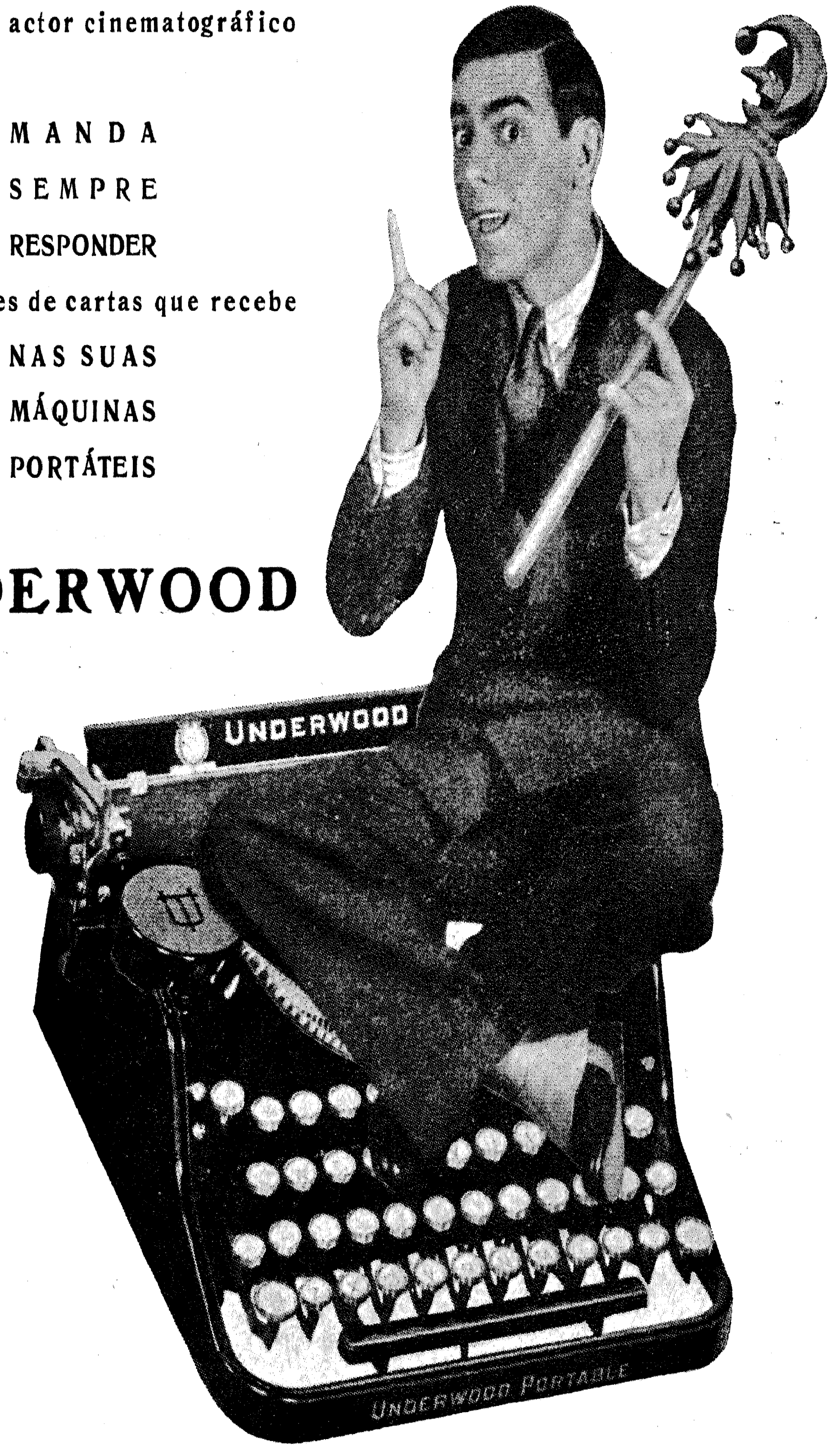
Aparência enganadora

Dois limões podem, exteriormente, ser duma semelhança flagrante; mas, por dentro, um é muito sumarento e o outro imensamente seco. Pela aparência é difícil distingui--los. Assim, também as lâmpadas Tanto as de baixa qualidade como as Philips, à vista são parecidas. Porém, quanta diferença existe se observarmos devidamente os seus rendimentos luminosos! a sua duração! As Philips têm, pelo menos, vinte por cento de maior rendimento luminoso (provamo-lo com científicas demonstrações fotométricas), o que significa que quatro lâmpadas Philips, dão tanta luz como cinco : : : : : : lâmpadas de qualidade inferior : : : : : :

Compre pois PHILIPS. É garantia de economia certa.

EDDIE CANTOR

o popular actor cinematográfico



MANDA
SEMPRE
RESPONDER
às milhares de cartas que recebe
NAS SUAS
MÁQUINAS
PORTÁTEIS

UNDERWOOD

Quereis uma maior prova das magníficas qualidades da

UNDERWOOD?!

AGENTES

EM LISBOA
DUNKEL & ANTUNES, LDA.
RUA AUGUSTA, 56
TELEFONE 24251

NO PORTO
CARLOS DUNKEL
RUA DO BOMJARDIM, 81
TELEFONE 1013

TODOS OS PORTUGUESES DEVEM LER

DECLARAÇÕES DO SR. GENERAL CARMOMA
Ao Jornalista António Ferro

PRIMEIROS DISCURSOS DO SR. DR. OLIVEIRA SALAZAR

DUAS ESCOLAS POLÍTICAS
:: Nota oficiosa da Presidência do Conselho de 16 de Julho de 1934 ::

O MOMENTO POLÍTICO
:: Nota oficiosa da Presidência do Conselho de 23 de Outubro de 1934 ::

ANO VIII // Discursos do Primeiro Congresso da União Nacional

Política de Verdade, Política de Sacrifício, Política Nacional
:: :: Discursos de agradecimento às Câmaras Municipais (1929) :: ::

O pensamento do Ministro das Colónias Doutor Armindo Monteiro

FINANÇAS DE ONTEM E DE HOJE / Pelo Doutor Águedo de Oliveira

A OBRA FINANCEIRA DE SALAZAR
Vista pelo professor Marcelo Caetano

MARINHA // TELEFONES

1$00 CADA EXEMPLAR
Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E TABACARIAS DO PAIS

DECÁLOGO DO ESTADO NOVO
com comentário desenvolvido dos pontos doutrinários que contém.

Preço. . . . . 2$50

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE TIPOGRAFIA, LIMITADA

TRABALHOS GRÁFICOS

S. I. T. LIMITADA

RUA ALMIRANTE PESSANHA, 3 E 5
AO CARMO // LISBOA
TELEF. 27956

AGENCIA MAGNO

REGISTADA DE
A. C. MAGNO & C.ª (FILHO)
SUCESSOR
A. G. MAGNO
LISBOA
ARMADOR E AGENCIA DE FUNERAIS
SÉDE
172, RUA DE SANTA MARTA, 174
TELEFONE 43180

AGENTES
NO PORTO: COMPANHIA FUNERÁRIA E DECORATIVA PORTUENSE // 432, RUA DE SANTA CATARINA, 438
EM BRAGA: JOSÉ ANTONIO DA SILVA & FILHO (SUCESSOR) / 23, RUA S. VICENTE, 25

Todo o bom português

DEVE
ASSINAR

PORTUGAL COLONIAL

REVISTA MENSAL DE PROPAGANDA E EXPANSÃO DO IMPÉRIO PORTUGUÊS

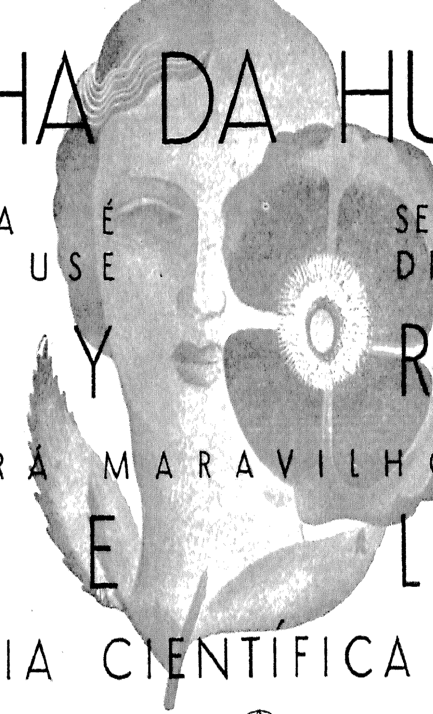
DIRECTOR: HENRIQUE GALVÃO

ESCREVA
JÁ

Para Rua da Conceição, 35, 1.°
Telefone 24253 // Lisboa

SE V. EX.ª TEM A PELE NORMAL USE OS PRODUTOS

RAINHA DA HUNGRIA



SE ELA É OLEOSA USE

OLY

SE TEM OS POROS DILATADOS USE

ROSIPOR

E FICARÁ MARAVILHOSAMENTE

BELA

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

M.me CAMPOS

AVENIDA DA LIBERDADE, 35

CAMISARIA CONFIANÇA

A MAIOR FÁBRICA DE
ROUPA BRANCA DO PAIZ

SÉDE // PORTO // RUA SANTA CATARINA, 181
SUCURSAL // LISBOA // RUA AUGUSTA, 284

GRANDE EXPORTAÇÃO
PARA AS COLÓNIAS

BANCO DE ANGOLA

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

EMISSOR DA COLÓNIA DE ANGOLA

CÓDIGOS:
PETERSON'S (2.ª ED.)
GUEDES
A. B. C. (5.TH EDITION)

SEDE EM LISBOA
RUA DA PRATA, 10 A 22

END. TELEGRÁFICO
ALDARO
DEPENDENCIAS:
FILIAL EM LUANDA

AGÊNCIAS: Benguela, Boma (Congo Belga), Cabinda, Leopoldville (Congo Belga), Lobito, Malange, Mossâmedes, Nova Lisboa, Novo Redondo, Sá da Bandeira, Santo António do Zaire, Vila Luso, Vila Silva Pôrto.

CARLOS CUDELL GOETZ

INSTRUMENTOS
DE PRECISÃO

TELEGRAMAS
CARDELETZ

TELEFONE
23831

EM LISBOA:
PRAÇA DA ALEGRIA, 65